



2017

Hortigranjeiros no Estado de Alagoas:

Uma análise evolutiva da comercialização dentro do IDERAL/CEASA-AL



1.	APRESENTAÇÃO.....	5
2.	NOTA TÉCNICA	7
3.	MAPA ESTRATÉGICO.....	8
4.	METODOLOGIA DE ANÁLISE	10
5.	IDERAL/CEASA.....	11
A.	SAZONALIDADES DE PRODUTOS SELECIONADOS:.....	13
6.	ESTUDO – COMERCIALIZAÇÃO DE HORTIGRANJEIROS NO CEASA-AL.....	16
7.	ANÁLISE EVOLUTIVA DOS PRODUTOS HORTIGRANJEIROS.....	18
A.	TUBÉRCULOS	18
i.	<i>Inhame</i>	18
1.	Perfil dos Produtores	19
2.	Procedência.....	19
3.	Abastecimento.....	19
4.	Comercialização.....	20
5.	Oportunidade	21
ii.	<i>Batata Doce.....</i>	22
1.	Perfil dos Produtores	22
2.	Procedência.....	23
3.	Abastecimento.....	23
4.	Comercialização.....	24
5.	Oportunidade	25
B.	HORTALIÇAS.....	26
i.	<i>Cenoura.....</i>	26
1.	Perfil dos Produtores	26
2.	Procedência.....	27
3.	Abastecimento.....	27
4.	Comercialização.....	27
5.	Oportunidade	29
ii.	<i>Pimentão.....</i>	29
1.	Perfil dos Produtores	29
2.	Procedência.....	30
3.	Abastecimento.....	30
4.	Comercialização.....	30
5.	Oportunidade	32
iii.	<i>Repolho</i>	32
1.	Perfil dos Produtores	33
2.	Procedência.....	33
3.	Abastecimento.....	33
4.	Comercialização.....	33
5.	Oportunidade	35
iv.	<i>Tomate.....</i>	35
1.	Perfil dos Produtores	35
2.	Procedência.....	35
3.	Abastecimento.....	36
4.	Comercialização.....	36
5.	Oportunidade	38

v.	<i>Batata Inglesa (Batatinha)</i>	38
1.	Perfil dos Produtores	39
2.	Procedência.....	39
3.	Abastecimento.....	39
4.	Comercialização.....	39
5.	Oportunidade	41
vi.	<i>Cebola</i>	41
1.	Perfil dos Produtores	42
2.	Procedência.....	42
3.	Abastecimento.....	42
4.	Comercialização.....	42
5.	Oportunidades.....	44
C.	FRUTÍFERAS.....	45
i.	<i>Laranja (Tipo: Pêra e Lima).....</i>	45
1.	Perfil dos Produtores	45
2.	Procedência.....	46
3.	Abastecimento.....	46
4.	Comercialização.....	46
5.	Oportunidade	49
ii.	<i>Banana</i>	50
1.	Perfil dos Produtores	50
2.	Procedência.....	50
3.	Abastecimento.....	51
4.	Comercialização.....	51
5.	Oportunidade	53
iii.	<i>Melancia.....</i>	53
1.	Perfil dos Produtores	54
2.	Procedência.....	54
3.	Abastecimento.....	54
4.	Comercialização.....	54
5.	Oportunidade	56
iv.	<i>Abacaxi.....</i>	56
1.	Perfil dos Produtores	57
2.	Procedência.....	57
3.	Abastecimento.....	57
4.	Comercialização.....	57
5.	Oportunidade	59
v.	<i>Melão.....</i>	59
1.	Perfil dos Produtores	59
2.	Procedência.....	60
3.	Abastecimento.....	60
4.	Comercialização.....	60
5.	Oportunidade	62
vi.	<i>Goiaba.....</i>	62
1.	Perfil dos Produtores	62
2.	Procedência.....	62
3.	Abastecimento.....	63
4.	Comercialização.....	63
5.	Oportunidade	64

Hortigranjeiros no Estado de Alagoas: Uma análise evolutiva da comercialização dentro do IDERAL/CEASA-AL 2017



8. RANKING DE COMERCIALIZAÇÃO – CEASA/AL	65
9. CONCLUSÃO	66
10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	71
11. FICHA TÉCNICA – SEBRAE/AL.....	72

1. Apresentação

A produção de alimentos no mundo e, consequentemente, a situação do agronegócio representa um tema de vital importância para a humanidade. Um recente estudo publicado pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO, na sigla em inglês) em abril de 2016 mostrou que a produção mundial de alimentos é suficiente para suprir a demanda das 7,3 bilhões de pessoas que habitam a Terra. Apesar disso, aproximadamente uma em cada nove dessas pessoas ainda vive a realidade da fome. Uma triste estatística nos informa que “4 segundos é o tempo que separa cada uma das mortes por fome no mundo, em média”.

Esse estado de coisas é resultado da brutal concentração da renda e da produção, da falta de vontade política e até mesmo da desinformação e consolidação de uma cultura alimentar pouco nutritiva, o que contribui para a construção da triste estatística já citada e faz agravar o quadro de insuficiência nutricional de crianças ao redor do mundo.

No Brasil, a agricultura e o agronegócio têm importância vital na produção de alimentos e consequentemente, no fortalecimento de sua economia. Segundo dados da Confederação Nacional da Agricultura (CNA), no ano de 2017, o setor contribuiu com 23,5% do Produto Interno Bruto (PIB) – a maior participação em 13 anos de pesquisa. Ainda segundo a CNA, a criação de empregos foi a mais alta em 5 anos nos setores de agricultura e produção de carne, os únicos segmentos da economia que aumentaram o número de postos de trabalho.

Toda essa pujança do agronegócio brasileiro tem contribuído para amenizar uma das maiores crises econômicas e políticas que o país vem passando, contribuindo inclusive para a redução da inflação em nosso território.

O Estado de Alagoas sempre teve uma participação importante na composição da pauta de exportações da região Nordeste, contribuindo com altos volumes exportados de açúcar e de álcool para várias partes do mundo. No entanto, nas últimas décadas o Estado vem passando por um processo de desmanche do setor mais importante da sua economia, subtraindo empregos de uma parcela da população com baixa capacidade de recolocação – os pequenos agricultores.

Das 20 usinas em funcionamento no estado, apenas nove estão com os pagamentos em dia, segundo a Associação dos Plantadores de Cana. Segundo a Companhia Nacional do Abastecimento, CONAB, a safra de 2015/2016 teve uma estimativa de apenas 380 mil hectares plantados, cinco mil a menos do que o período anterior. Dos 7.500 fornecedores do estado, 86% são pequenos produtores – o que agrava sobremaneira a crise.

Uma alternativa para ocupar este vazio econômico que se avizinha é a agricultura familiar que, em Alagoas, representa 72% da mão de obra ocupada no meio rural.

De acordo com o Censo da Agricultura Familiar de 2006, o Nordeste é a região do país que mais possui estabelecimentos da agricultura familiar. Em Alagoas, são aproximadamente 115 mil estabelecimentos.

É justamente nesse segmento dos pequenos negócios do meio rural que o Sebrae/AL tem o potencial de gerar contribuições que façam a diferença para o Estado em termos de ocupação, geração de renda e diversificação produtiva. Para efetivar esta transformação, a instituição conta com diversos projetos de atendimento ao empreendedor de pequeno porte do meio rural, cujos objetivos são os de transformar suas realidades a partir da construção de um futuro melhor para suas famílias.

O Sebrae/AL tem atuado na estruturação de arranjos produtivos locais (APL) de diversos setores da economia tradicional e tem apoiado novas e pujantes áreas potencialmente promissoras, como a produção de grãos, o fortalecimento do setor lácteo com produtos gourmet e o fortalecimento da genética animal junto aos pequenos pecuaristas. O projeto de Hortifruticultura já tem modelado nossa atuação institucional na área e tem apoiado diversos produtores e empreendimentos industriais no entorno de União dos Palmares. Todos os projetos são gerenciados com a visão de articulação das cadeias produtivas e das cadeias globais de valor, buscando sempre identificar os elos críticos e tratá-los de maneira diferente para a produção de inovações e mais renda para os pequenos.

É com esta visão de futuro que o Sebrae/AL promove a edição do presente livro. Aqui, o leitor comum, mas também os empresários, presidentes de cooperativas e associações e os formuladores de políticas públicas, podem se inspirar para a construção de novos projetos que venham a mudar a realidade da produção e distribuição de alimentos no Estado.

Produzimos informações relevantes e propomos alternativas para a diversificação produtiva em Alagoas, como forma de superarmos as dificuldades que se avizinharam. Adicionalmente, procuramos articular a participação de diversos atores nas soluções propostas com o pensamento da construção conjunta e cooperativa de soluções a longo prazo.

Desejamos uma excelente leitura a todos e convidamos todos os alagoanos para, juntos, construirmos uma nova Alagoas!

Marcos Antonio da Rocha Vieira
Diretor Superintendente

2. Nota Técnica

Este relatório tem como objetivo analisar as movimentações de entrada de produtos hortigranjeiros no CEASA/AL (Centro Estadual de Abastecimento) do ponto de vista do IDERAL (Instituto de Desenvolvimento Rural e Abastecimento de Alagoas), através das anotações realizadas pelo, na época Assessor da Presidência do Ideral, Artur César Nogueira. Durante todo o período analisado (1986 a 2014), foram elaborados 47 relatórios analíticos dos principais produtos hortigranjeiros movimentados nas dependências do CEASA/AL, mantendo assim um acompanhamento anual desses produtos e apresentando uma série histórica dessas movimentações.

De acordo com citações em seus relatórios de anotações, Arthur Nogueira afirma que não existiu, por parte do IDERAL (1986 a 2014), um controle rígido das quantidades dos produtos hortigranjeiros que são comercializados nas redes de supermercados, feiras livres de bairros e no mercado da produção de Maceió, portanto, acredita-se que as quantidades citadas nas anotações certamente seriam bem maiores, o que pode gerar alguns questionamentos quanto à involução na comercialização de alguns produtos e a ausência de informação quanto ao quantitativo importado de cada estado.

Embora alguns dados possuam informações resumidas, o relatório apresentará uma enorme oportunidade de conhecimento quanto à produção e movimentação desses produtos em Alagoas, além de proporcionar uma discussão em relação às necessidades de implantação de políticas de incentivo à produção de culturas com alta demanda e baixa oferta no estado, proporcionando assim, uma possibilidade de melhoria para o trabalhador rural e uma atuação do governo no fomento de políticas públicas mais assertivas.

3. Mapa Estratégico

O Mapa Estratégico apresenta o escopo das ações do Sebrae/AL e possibilita a visualização da contribuição da empresa para o desenvolvimento do estado. No mapa é possível verificar a visão e a missão da empresa, seus valores e estratégia de alcance dos resultados propostos em seus seminários de planejamento.

Um dos papéis de maior força em seu plano de estratégias é a contribuição com o fortalecimento dos negócios de pequeno porte para a promoção do desenvolvimento de Alagoas. Através dos seminários de planejamento, as partes interessadas e envolvidas no processo recomendam que a empresa contribua efetivamente com a estrutura da economia e da sociedade para seu crescimento econômico e social. Dentre as partes interessadas destacamos a sociedade civil organizada, conselheiros, órgãos de controle, funcionário e clientes. Assim, com o intuito de responder às demandas de suas partes interessadas e da sociedade, o Sebrae/AL produziu o presente estudo e o coloca à disposição de todos para consultas e ações em prol do desenvolvimento do Estado.



Fonte: <https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/AL/Anexos/Mapa%20Estrat%C3%A9gico%20-%20.pdf> (Acessado em 04/11/2017)

4. Metodologia de Análise

A metodologia utilizada no presente estudo tem como objetivo analisar as movimentações de entradas e saídas dos principais hortigranjeiros nas dependências do IDERAL/CEASA-AL. Os relatórios disponibilizados de forma impressa trazem informações quantificadas e qualificadas das movimentações desses alimentos, principalmente demonstrando a unidade federativa exportadora comparada à quantidade produzida localmente em Alagoas. O estudo também foi estendido a fontes secundárias, buscando assim uma amplitude na visão de mercado e referências que pudessem embasar os dados apresentados.

Por fim, o estudo busca conhecer os produtos em análise, suas principais características, perfil do produtor, produção, procedência, abastecimento e a comercialização.

O mapa abaixo apresenta o estado de Alagoas distribuído em 10 regiões, sendo possível a análise geográfica dos municípios citados no relatório.



5. IDERAL/CEASA



O Instituto de Desenvolvimento Rural e Abastecimento de Alagoas (IDERAL) foi criado em 11 de setembro do ano de 2000, pelo então governador do Estado de Alagoas na época, Ronaldo Lessa, através da lei estadual nº 6.194/2000 e regulamentado através do decreto nº 310 de 13/09/2001 (<http://www.ideral.al.gov.br/legislacao>).

De acordo com seu art. 3º inciso I, compete ao IDERAL controlar, gerir e regular o abastecimento e a armazenagem de produtos de origem vegetal, além de fiscalizar as práticas comerciais realizadas nas centrais de abastecimentos.

Para uma melhor análise buscou-se entender em primeiro lugar a funcionalidade do IDERAL/CEASA-AL e seu principal papel dentro do Estado.

O IDERAL tem como objetivo dar suporte à Secretaria de Agricultura, Abastecimento e Pesca de Alagoas, ajudando a implementar seu programa para a agricultura, pesca e abastecimento, promovendo o desenvolvimento rural através do apoio ao pequeno e médio empresário agrícola, incrementando a agroindústria rural, estimulando e fomentando o progresso empresarial no campo

CEASA é uma sigla abreviativa, para Centrais Estaduais de Abastecimento. As CEASAS são empresas estatais ou de capital misto (público e privado), destinadas a

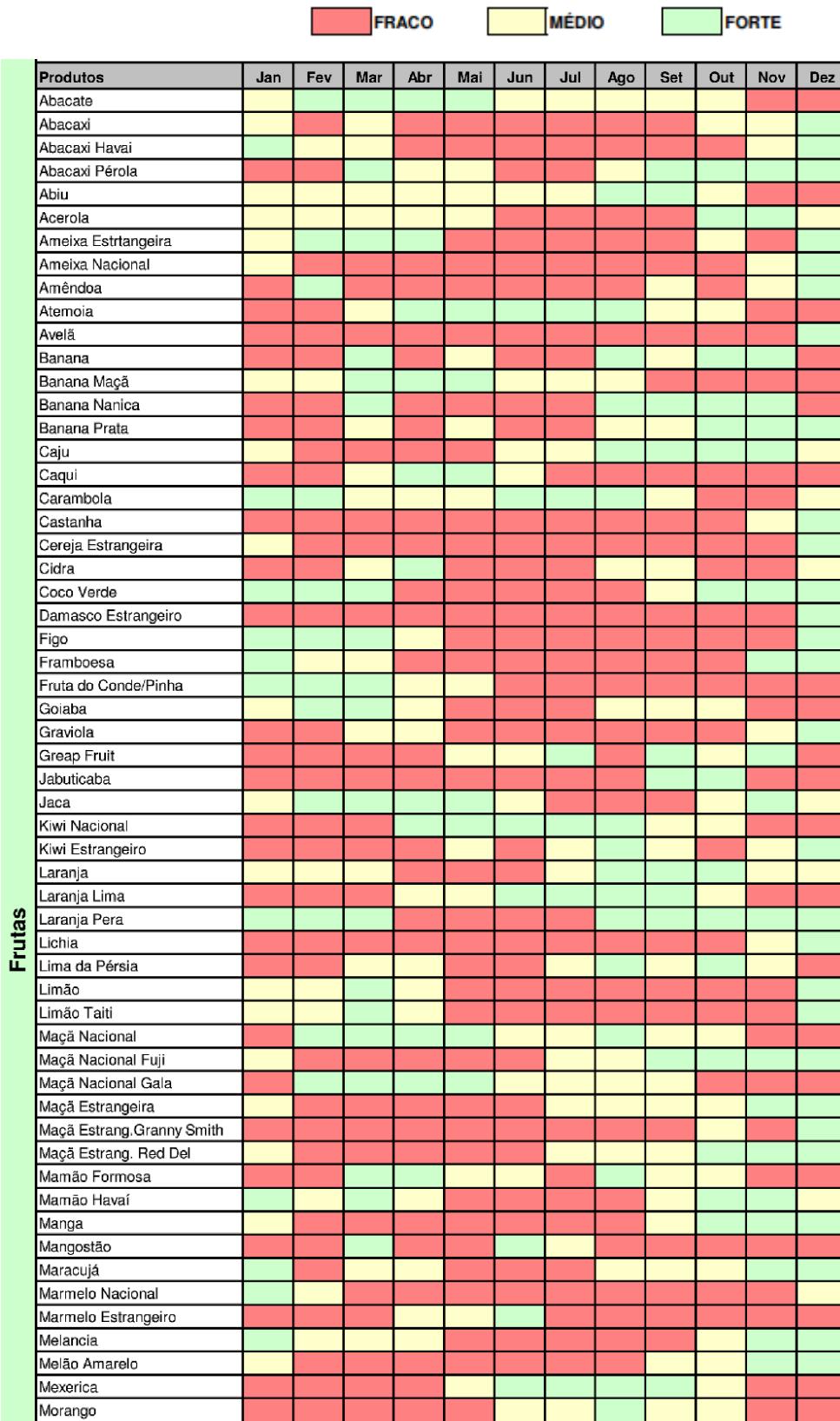
aprimorar a comercialização e distribuição de produtos hortigranjeiros. Hoje, grande parte das frutas, verduras, legumes e flores comercializadas em feiras, supermercados, restaurantes e sacolões são oriundas das CEASAS.

Em Alagoas, a CEASA é um central atacadista responsável por receber e fornecer os produtos que são comercializados pelos varejistas locais, como: supermercados, mercadinhos, hotéis, restaurantes e até mesmo feirantes da região metropolitana de Maceió e interior do Estado. Viabiliza aos produtores rurais a comercialização de seus produtos, unindo os canais de comercialização dos produtos hortigranjeiros, suavizando as barreiras entre os estados e municípios, garantindo a geração de renda dos pequenos produtores e, principalmente, minimizando a comercialização efetuada por atravessadores, o que garante uma maior rentabilidade ao produtor rural.

Dessa forma, o IDERAL/CEASA é a principal referência para os produtores, tanto nos processo de decisão, em relação a quanto devem produzir e em que período, quanto em buscar os melhores preços, de acordo com a relação entre a oferta e a demanda de determinados produtos e em determinadas épocas do ano, devido a sua sazonalidade. Além disso, apresentam fonte de dados para pesquisas de abastecimento alimentar.

As tabelas das próximas páginas apresentam uma das dimensões do trabalho do IDERAL/CEASA, ao apresentarem a relação entre os produtos alimentícios comercializados no Estado e sua respectiva sazonalidade. Esta simples relação pode significar uma grande contribuição para o planejamento da produção em Alagoas. A partir dos dados disponibilizados, a SEAGRI (Secretaria de Agricultura, Abastecimento e Pesca de Alagoas) pode tomar decisões racionais sobre a alocação de recursos entre seus projetos estratégicos para a produção alimentar no estado.

a. Sazonalidades de Produtos Selecionados:



Fonte: http://www.ceagesp.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/produtos_epoca.pdf (Acessado em 04/11/2017)

Produtos	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Abóbora												
Abóbora Japonesa												
Abóbora Moranga												
Abóbora Paulista												
Abóbora Seca												
Abobrinha Brasileira												
Abobrinha Italiana												
Alcachofra												
Batata Doce Amarela												
Batata Doce Rosada												
Berinjela Comum												
Berinjela Conserva												
Berinjela Japonesa												
Beterraba												
Cará												
Cenoura												
Chuchu												
Cogumelo												
Ervilha Comum												
Ervilha Torta												
Fava												
Feijão Corado												
Gengibre												
Inhame												
Jiló												
Mandioica												
Mandioquinha												
Maxixe												
Melão São Caetano												
Pepino Caipira												
Pepino Comum												
Pepino Japones												
Pimenta Cambuci												
Pimenta Vermelha												
Pimentão Amarelo												
Pimentão Verde												
Pimentão Vermelho												
Quiabo												
Taquenoco												
Tomate												

Fonte: http://www.ceagesp.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/produtos_epoca.pdf (Acessado em 04/11/2017)

Produtos	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Acelga												
Agrião												
Alface												
Alho Porró												
Almeirão												
Aspargos												
Beterraba com Folhas												
Brócolis												
Catalonha												
Cebolinha												
Cenoura com Folhas												
Chicória												
Coentro												
Couve												
Couve Bruxelas												
Couve-Flor												
Endivias												
Erva-Doce												
Escarola												
Espinhalfre												
Feijão Soja												
Folha de Uva												
Gengibre com Folhas												
Gobo												
Hortelã												
Louro												
Milho Verde												
Moiashi												
Mostarda												
Nabo												
Orégano												
Palmito												
Rabanete												
Repolho												
Rúcula												
Salsa												
Salsão												

Fonte: http://www.ceagesp.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/produtos_epoca.pdf (Acessado em 04/11/2017)

6. ESTUDO – Comercialização de Hortigranjeiros no CEASA-AL



Ao se analisar de forma empírica as distorções dos canais de comercialização dos produtos hortigranjeiros no estado de Alagoas, é possível fazer uma análise evolutiva do volume de comercialização e procedência via IDERAL/CEASA-AL, o que remete a uma análise mais detalhada sobre o potencial de produção do estado de Alagoas em alguns segmentos pesquisados, gerando a possibilidade da criação de políticas públicas incentivadoras na produção desses alimentos no território local.

Para esse estudo, foram utilizadas pesquisas do IDERAL/CEASA-AL acerca do volume de comercialização e procedência ao longo dos anos de 1986 á 2014, dos principais produtos hortigranjeiros que são distribuídos no CEASA-AL.

Com isso, busca-se mostrar o potencial regional e os principais problemas de internalização do desenvolvimento, e as válvulas de escape desse alargamento econômico que incidem diretamente na renda dos produtores, devido à presença de intermediários nesse canal de comercialização.

Além do mais, estudar o processo de comercialização desses produtos agrícolas servirá como um indicador de fundamental importância, pois possibilitará a geração de conhecimento da funcionalidade e comportamento do mercado dentro do Estado.

A seguir, serão apresentados os principais produtos hortigranjeiros estudados de forma individual e seus respectivos volumes de comercialização ao longo dos anos, além de se analisar pontos como: procedência, armazenagem e abastecimento. Para tanto, os produtos foram divididos em subgrupos denominados:

- Tubérculos e Raízes;
- Hortaliças;
- Frutíferas.

O termo Hortigranjeiro é utilizado para englobar os produtos relacionados ao setor da horticultura e o setor granjeiro em uma única via de comercialização, ou seja, é a junção dos termos HORTI, que vem da horticultura, que envolve a produção e comercialização de hortaliças, frutas, flores, plantas ornamentais, condimentares e medicinais, com GRANJEIROS, que são os produtos oriundos da granja, como ovos e derivados de origem animal.

Tabela 1 – Principais Produtos Hortigranjeiros Estudados¹

Principais Produtos Hortigranjeiros	
Tubérculos e Raízes	Inhame
	Batata Doce
	Cenoura
	Pimentão
	Repolho
Hortaliças	Tomate
	Batata Inglesa
	Cebola
	Laranja
	Banana
Frutíferas	Melancia
	Abacaxi
	Melão
	Goiaba

Fonte: Promáxima Gestão Empresarial - 2017

¹A classificação apresentada está seguindo orientações da classificação de Tubérculos e Raízes, hortaliças e frutíferas de acordo com a EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária)

7. Análise Evolutiva dos Produtos Hortigranjeiros

a. Tubérculos

Os tubérculos são plantas verdes de caule arredondados que se desenvolvem abaixo da superfície do solo, funcionando como órgãos de reserva de energia. São usados pelas plantas para sobreviver ao inverno ou meses mais secos, fornecendo energia e nutrientes durante a próxima estação de crescimento.

A seguir serão analisados os principais tubérculos comercializados no IDERAL/CEASA-AL, que são: o inhame, a batata doce e a batata inglesa.

i. Inhame



O inhame é uma planta monocotiledônea, da família Dioscoreácea, herbácea, trepadeira, pertencente ao gênero *Dioscorea*, com cerca de 700 espécies, sendo as mais importantes as que produzem túberas comestíveis.

Por ser uma cultura bastante difundida na região Nordeste, devido às condições climáticas, os Estados da Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia e Maranhão, são considerados os maiores produtores dessa espécie, contribuindo com o desenvolvimento da agricultura familiar, considerada como uma atividade importante para o desenvolvimento local.

Diante do conhecimento acima, o presente estudo constitui-se numa pesquisa de cunho exploratório, cujo objetivo é analisar a evolução da comercialização do inhame no Estado de Alagoas, dentro no IDERAL/CEASA, conforme apresentado a seguir.

1. Perfil dos Produtores

Segundo pesquisas desenvolvidas pelo instituto Paraíba do Meio (Diagnóstico Agronegócio do Inhame. Alagoas, 2008. 20p.), a maioria dos produtores de inhame, conhecidos como inhamecultores, tem cultura agro familiar, no máximo três pessoas trabalhando na cultura, com predominância masculina, faixa etária entre 21 a 51 anos e com baixo nível de instrução e escolaridade.

2. Procedência

O Inhame alagoano, devido às condições climáticas de cultivo, tem sua principal procedência na região agreste, mais precisamente no município de Arapiraca e na região do Arranjo Produtivo Local – APL do Inhame, localizado no Vale do Paraíba, que envolve os municípios de: Chã Preta, Quebrangulo, Paulo Jacinto, Viçosa, Cajueiro, Mar Vermelho, Atalaia, Capela e Pilar, com cerca de 980 hectares cultivados e aproximadamente 2 (dois) mil agricultores trabalhando, representando a principal atividade econômica da agricultura familiar na região.

Estima-se que em todo o Estado de Alagoas existam cerca 2.290 hectares destinados ao cultivo do inhame, com produtividade média de aproximadamente 12 toneladas por hectare. (Fonte: SECOM-AL www.agricultura.al.gov.br)

3. Abastecimento

Quando o assunto é o abastecimento alimentar, o estado de Alagoas possui uma dificuldade em produzir alimento suficiente para atender a demanda de sua população, tornando-se um importador de maior parte dos alimentos consumidos dentro dos seus limites geográficos.

Contudo, a partir do desenvolvimento da agricultura familiar e advento dos APL's, o abastecimento de Inhame ao IDERAL/CEASA, vem em sua maioria dos municípios de Arapiraca, Chã Preta e Viçosa, representando cerca de 20% de contribuição estadual. Mas ainda assim, se faz necessário um complemento dessa oferta vindo de outros estados, como: Pernambuco, Bahia, Maranhão, Sergipe e Paraíba.

(Fonte: SECOM-AL www.agricultura.al.gov.br).

4. Comercialização

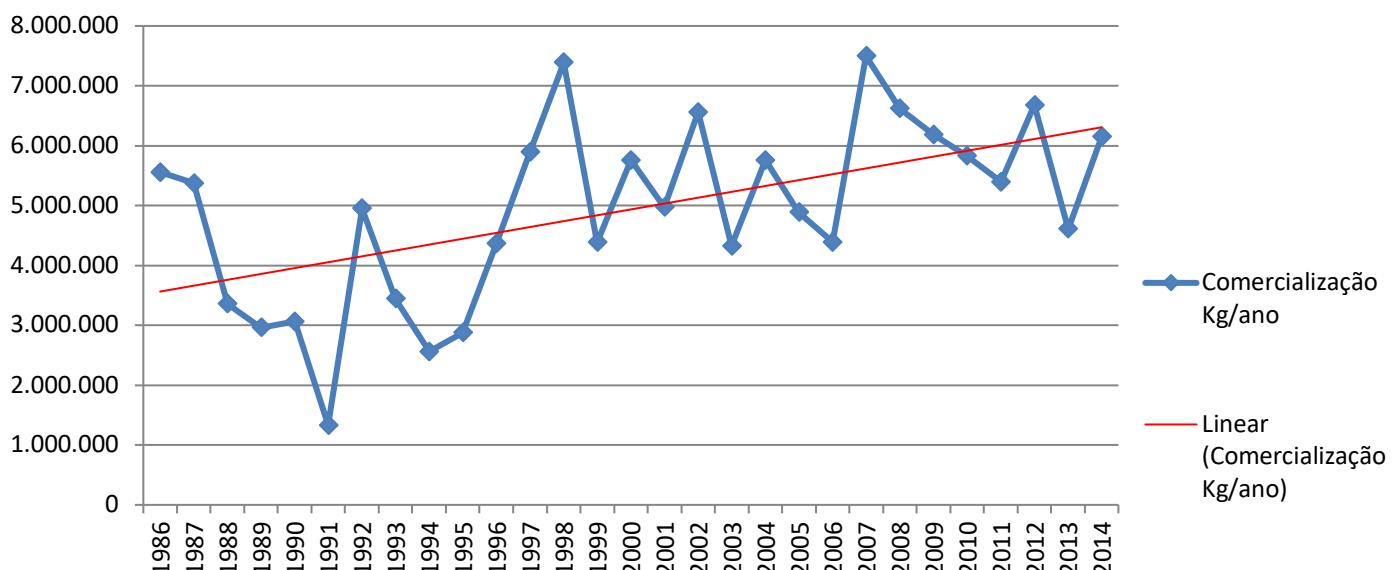
A comercialização é a atividade mais complexa dentre aquelas que envolvem o sistema da agricultura, já que se trata do momento em que a produção assume a condição de mercadoria, integrando o produto ao mercado.

Após o abastecimento, proveniente de parte das regiões Agreste, Vale do Paraíba e parte dos outros Estados, o inhame chega ao centro de abastecimento (CEASA-AL), onde é comercializado junto à população.

A seguir, é possível observar a comercialização do inhame ao longo dos anos, entre a linha temporal de 1986 a 2014 (dados disponíveis retirados dos relatórios de acompanhamento do IDERAL), conforme gráfico e tabela abaixo:

Gráfico 1 – Comercialização do Inhame (1986 – 2014)

Evolução da Comercialização de Inhame (Kg/ano) - CEASA/AL



Fonte: Dados dos relatórios IDERAL 1986 a 2014

Tabela 2 – Comercialização Por Ano – CEASA-AL

Produto: Inhame			
Ano	Comercialização Kg/ano	Ano	Comercialização Kg/ano
1986	5.552.110	2001	4.972.562
1987	5.370.770	2002	6.561.082
1988	3.359.496	2003	4.326.540
1989	2.960.980	2004	5.758.735
1990	3.063.988	2005	4.886.671
1991	1.331.940	2006	4.389.730
1992	4.950.320	2007	7.497.608
1993	3.441.940	2008	6.616.330
1994	2.561.790	2009	6.187.732
1995	2.878.200	2010	5.827.649
1996	4.365.250	2011	5.395.347
1997	5.889.008	2012	6.675.300
1998	7.390.059	2013	4.609.234
1999	4.385.206	2014	6.150.160
2000	5.756.946	-	-

Fonte: Dados dos relatórios IDERAL 1986 a 2014

Conforme apresentado graficamente acima, nota-se uma manutenção na comercialização do inhame dentro do CEASA-AL, apresentando um decréscimo entre os anos de 1986 á 1996; uma constância, em torno de 4.000.000 a 5.000.000 kg entre os anos de 1997 e 2006 e um crescimento seguido de estabilização entre os anos de 2007 e 2014. Com as informações obtidas nos relatórios, não é possível afirmar o motivo das variações presentadas, contudo, vale ressaltar que a comercialização dos produtos através de outros pontos comerciais, que não seja o Ceasa, influencia significativamente nessa variação.

5. Oportunidade

Observa-se que apenas 20% do inhame comercializado dentro do CEASA são oriundos de Alagoas, portanto, em média, o estado importa cerca de 4.000.000 kg/ano para o abastecimento e consumo. A produção atual é cultivada em aproximadamente 980 hectares, sendo necessários aproximadamente 4.900 hectares cultivados de inhame para que o abastecimento atinja a marca de 100% de produção local, um *gap* de 3.980 hectares, gerando assim uma excelente oportunidade aos produtores dessa espécie de tubérculo para produção dentro do estado.

ii. Batata Doce



A batata doce (*Ipomoea batatas*) é uma planta da família das convolvuláceas, da ordem das Solanales, originária dos Andes, porém sua cultura se espalhou pelos trópicos e subtrópicos de todo o mundo. Seu nome vem do gosto adocicado do seu tubérculo comestível.

No Brasil, a região Nordeste apresenta uma forte participação na produção de batata-doce, contribuindo com cerca de mais de um terço da produção nacional, assumindo grande importância, pois contribui na geração de empregos e na fixação do homem no campo.

Dentre os estados produtores de batata doce, os maiores são: a Paraíba com produção de cerca 42.392 (Dados dos relatórios IDERAL 1986 a 2014), Sergipe com aproximadamente 37.504 toneladas, Bahia com produção aproximada de 24.289 toneladas e Alagoas com 17.144 toneladas. Alagoas destaca-se por ter uma alta produção em uma área de 1.947 hectares, apresentando rendimento médio de 8.8 toneladas por hectare. (Fonte: www.embrapa.com.br)

A partir do exposto, será analisada a evolução da comercialização da batata doce no Estado de Alagoas, dentro no IDERAL/CEASA.

1. Perfil dos Produtores

A produção de batata doce é predominantemente desenvolvida por agricultores familiares que tem como características principais o uso massivo da mão-de-obra e a geração de faturamento regular, além de serem adeptos da rotação de cultura, que diversifica as plantações em cada solo.

A produtividade alcançada por esses produtores está entre 90 e 100 sacos por tarefa, medida equivalente a um terço de 1 (um) hectare. (Fonte: www.cidades.ibge.gov.br).

2. Procedência

Dos 102 municípios alagoanos, 43 deles² desenvolvem o cultivo a batata-doce, já que ela se desenvolve melhor em locais em que a temperatura média é superior a 24°C. Desses, o município alagoano de Feira Grande é o maior produtor do Estado, seguido de Santana do Mundaú e União dos Palmares, ambos com uma produção em média de 120 hectares. Destacam-se também as cidades de Taquarana, Ibateguara, Arapiraca, Viçosa e Chã Preta, com uma média de 40 a 80 hectares ocupados com o plantio da batata-doce.

(Fonte: www.cidades.ibge.gov.br)

Segundo dados do IBGE (IBGE, Produção Agrícola Municipal 2013. Rio de Janeiro: IBGE, 2014.), a cidade de Feira Grande, localizada na região central de Alagoas, detém cerca 38% de toda batata-doce produzida no Estado, índice efetivo que se comparado somente com os maiores produtores, esse percentual sobe para 59%, sendo atualmente reconhecida como terra da batata-doce, pela maioria da população.

3. Abastecimento

Com o APL de Horticultura no Agreste, o escoamento da produção de batata doce desses municípios alagoanos destina-se ao atendimento da CEASA/IDERAL na cidade de Maceió e também para o município de Arapiraca, além de estados vizinhos como Pernambuco e Sergipe.

Feira Grande, cidade do agreste alagoano é a principal abecedora, já que é a maior produtora do Estado, com aproximadamente 6.300 toneladas desse tubérculo por ano, com rendimento médio de 9.000 quilos por hectares, cerca de sessenta e cinco sacos de 50 kg por tarefa produzida. Além de Feira Grande outras cidades também complementam o abastecimento, como: Coruripe, Arapiraca, Chã Preta, Junqueiro e Anadia.

Mesmo com esse abastecimento por parte dos municípios alagoanos a CEASA-AL conta com o fornecimento por parte de outros Estados para suprir a demanda de consumo, como: Pernambuco, Bahia e Sergipe.

² Pilar, Porto Real do Colégio, São Miguel dos Milagres, Japaratinga, São Luís do Quitunde, Porto Calvo, Campo Grande, Messias, Limoeiro de Anadia, Teotônio Vilela, Belém, Porto de Pedras, Flexeiras, Jundiá, São Sebastião, Pindoba, Passo de Camaragibe, Cajueiro, Capela, Colônia Leopoldina, Murici, Novo Lino, Santana do Mundaú, Joaquim Gomes, Maribondo, Mar Vermelho, Palmeira dos Índios, Tanque d'Arca, Branquinha, Junqueiro, Maragogi, Jacuípe, São José da Laje, Chã Preta, Atalaia, Taquarana, Paulo Jacinto, Viçosa, Quebrangulo, Ibateguara, União dos Palmares, Feira Grande e Arapiraca

4. Comercialização

Por ser tratar de uma cultura de baixo custo, a maioria dos pequenos produtores deixou de lado o cultivo de certos produtos, para se dedicar a plantação de batata doce. Além desse baixo custo de produção, ela possui um ciclo rápido e de fácil comercialização.

Pela facilidade de comercialização e pela alta demanda existente do produto, em qualquer época do ano existe abastecimento, tendo mercado certo na CEASA-AL, assim como em toda região nordeste e algumas outras regiões do Brasil. Para tanto, o preço pago pela saca de 40 kg, chega a custar algo em torno de R\$ 60,70 até R\$ 100,00 reais (Dados atualizados em 2017). (Fonte: www.cidades.ibge.gov.br)

A seguir, é possível observar a comercialização da batata doce dentro do IDERAL/CEASA-AL ao longo dos anos, entre a linha temporal de 1986 a 2014, conforme gráfico e tabela abaixo:

Gráfico 2 – Comercialização de Batata Doce (1986 – 2014)

Fonte: Dados dos relatórios IDERAL 1986 a 2014

Evolução da Comercialização de Batata Doce Kg/Ano - CEASA-AL

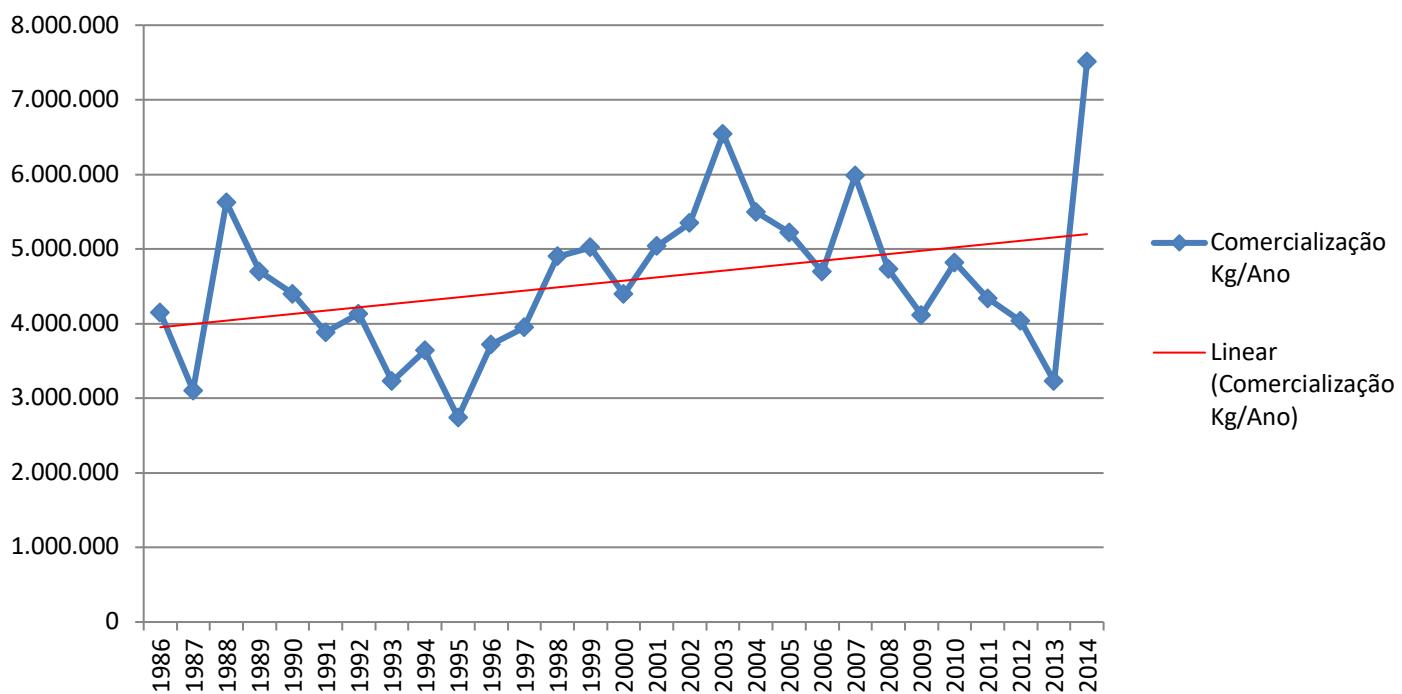


Tabela 3 – Comercialização Por Ano – CEASA-AL

Produto: Batata Doce			
Ano	Comercialização Kg/Ano	Ano	Comercialização Kg/Ano
1986	4.150.812	2001	5.038.006
1987	3.101.480	2002	5.346.417
1988	5.624.899	2003	6.541.740
1989	4.697.680	2004	5.497.680
1990	4.397.171	2005	5.223.944
1991	3.881.925	2006	4.696.055
1992	4.132.530	2007	5.982.480
1993	3.225.584	2008	4.727.620
1994	3.638.778	2009	4.113.760
1995	2.741.272	2010	4.820.148
1996	3.721.249	2011	4.336.530
1997	3.948.885	2012	4.033.269
1998	4.899.940	2013	3.228.030
1999	5.022.226	2014	7.510.000
2000	4.395.720	-	-

Fonte: Dados dos relatórios IDERAL 1986 a 2014

Conforme demonstrado graficamente, observa-se uma constância nas transações comerciais da batata doce nas dependências do CEASA-AL, apresentando uma uniformidade no volume de transações comerciais, estando numa faixa de 3 a 5 milhões de kg de batata doce comercializados dentro do período estudado.

5. Oportunidade

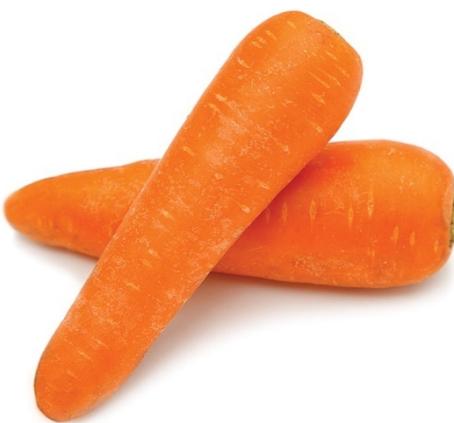
Por se tratar de um produto de alto consumo pelos alagoanos, as possibilidades de aumento da produção geram uma alta expectativa de escoamento dos produtos, mesmo que seja através de comercialização para os estados vizinhos. Por se destacar como maior produtora do estado, a cidade de Feira Grande possui uma excelente oportunidade de incentivo em políticas públicas de investimento na cultura da batata-doce, além da possibilidade de investimentos em novas tecnologias para maior aproveitamento e menor desperdício da produção.

b. Hortaliças

As Hortaliças são termos nutricionais, agrícolas, composto por grupos de vegetais cultivados em horta, onde partes como raízes, caules, folhas, flores, frutos e sementes são consumidas como alimento.

O consumo de hortaliças é indispensável na alimentação, pois são alimentos reguladores que tem como características serem fontes de vitaminas, minerais e nutrientes que mantém o equilíbrio do organismo e ajudam para seu pleno funcionamento.

i. Cenoura



A cenoura é uma planta da família das *apiáceas* conhecida e apreciada desde a época dos antigos gregos e romanos, significando a raiz de uma planta, raiz esta que é tuberosa, laranja, com uma textura lenhosa e comestível.

Pertencente ao grupo das raízes tuberosas, a cenoura é uma hortaliça cultivada em larga escala nas regiões Sudeste, Nordeste e Sul do Brasil, e está entre os cinco principais produtos hortalícios cultivados no Brasil.

1. Perfil dos Produtores

A cultura da cenoura no Brasil representa um claro exemplo da importância da pesquisa agrícola que, por meio de seus impactos tecnológicos positivos, resultam em contribuição para o desenvolvimento de várias regiões, através de benefícios socioeconômicos para a sociedade. Até a década de 1980, o mercado de cenoura era acessível apenas à faixa da população de maior poder aquisitivo, uma vez que naqueles tempos, na época de verão, os plantios de cenoura eram praticamente inviáveis do ponto de vista técnico-econômico devido à queima-das-folhas, problema fitossanitário de

difícil controle causado por um complexo fitopatológico envolvendo dois fungos e uma bactéria. Os produtores de cenoura possuem uma cultura de produção familiar, em sua maioria executando a agricultura de subsistência. (Fonte: <http://www.agencia.cnptia.embrapa.br>)

2. Procedência

A temperatura é o fator climático mais importante para a produção de raízes, temperaturas de 10 a 15°C favorecem o alongamento das raízes e o desenvolvimento de coloração característica, ao passo que temperaturas superiores a 21°C estimulam a formação de raízes curtas e de coloração deficiente.

Devido a essas condições climáticas, as regiões as regiões Norte e Nordeste são responsáveis por apenas 14,38% da produção de cenoura no Brasil. Dessa forma, o cenário econômico da oferta de cenoura proveniente de municípios alagoanos torna-se quase insignificante, sendo mais comum a entrada dessas hortaliças provenientes de outros Estados. (Fonte: <http://www.agencia.cnptia.embrapa.br>)

3. Abastecimento

A pequena quantidade de cenoura que dão entrada no IDERAL-CEASA/AL e que são provenientes de municípios alagoanos vem do município de Arapiraca. Em sua maioria, esse abastecimento dar-se-á partir da oferta proveniente de outros Estados como: Pernambuco, Minas Gerais e Bahia.

4. Comercialização

Antes de serem comercializados nas dependências do IDERAL/CEASA-AL, os produtos diariamente passam por um controle, onde são computados o volume e a procedência de cada produto. Os volumes mensais totais comercializados são obtidos pelo somatório das quantidades diárias computadas na planilha de coleta.

Dessa forma, buscou-se abaixo analisar esse volume de comercialização da cenoura nas dependências do IDERAL/CEASA-AL, conforme apresentado em gráfico e tabela.

Gráfico 3 – Comercialização de Cenoura (1986 – 2014)

Fonte: Dados dos relatórios IDERAL 1986 a 2014

Evolução da Comercialização da Cenoura (Kg/ano) - CEASA/AL

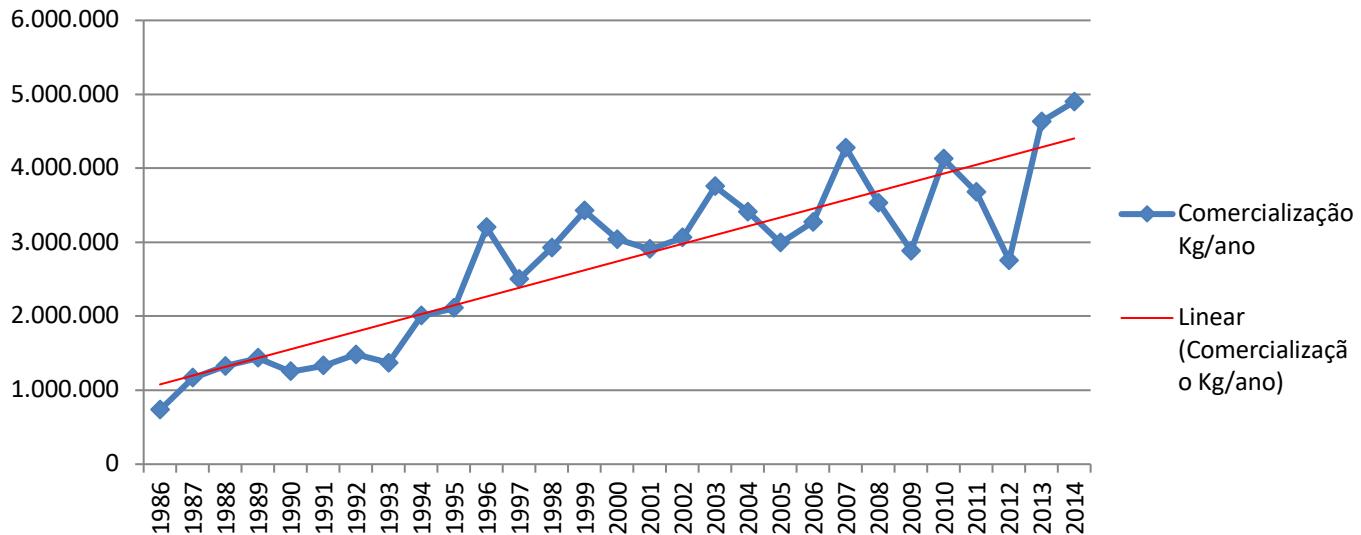


Tabela 4 – Comercialização Por Ano – CEASA-AL

Produto: Cenoura			
Ano	Comercialização Kg/ano	Ano	Comercialização Kg/ano
1986	732.998	2001	2.907.685
1987	1.166.691	2002	3.060.053
1988	1.325.549	2003	3.753.629
1989	1.435.016	2004	3.412.066
1990	1.252.894	2005	2.993.346
1991	1.331.940	2006	3.273.089
1992	1.480.750	2007	4.278.071
1993	1.368.280	2008	3.531.940
1994	2.004.398	2009	2.882.982
1995	2.107.610	2010	4.127.460
1996	3.202.450	2011	3.678.238
1997	2.502.940	2012	2.754.706
1998	2.928.288	2013	4.634.868
1999	3.425.272	2014	4.899.920
2000	3.040.938	-	-

Fonte: Dados dos relatórios IDERAL 1986 a 2014

Conforme visto graficamente a cenoura apresentou uma tendência ascendente, saindo de menos de 1.000.000 kg (1986) e ultrapassando 4.000.000 kg comercializados em 2007. Vale ressaltar que, como a maior parte da oferta de cenoura é proveniente de outros estados, Alagoas reduz seu volume de comercialização, impactando assim na renda e faturamento dos produtores locais.

5. Oportunidade

Apesar de ser um produto que necessita de um clima mais favorável do que o encontrado em Alagoas, Arapiraca, município do agreste do estado ainda consegue se destacar no plantio da cenoura, gerando assim uma oportunidade de negócio para os produtores da região, onde a aplicação de melhores técnicas de cultivo e plantio pode gerar um resultado maior que o praticado atualmente.

ii. Pimentão



O Pimentão é uma das hortaliças de maior consumo no Brasil, seu cultivo pode se dar tanto em campo aberto quanto em estufas. Entre as principais áreas de cultivos estão os estados de São Paulo, Santa Catarina, Minas Gerais, Rio de Janeiro e estados do Nordeste, como: Pernambuco, Ceará e Alagoas, estando presente em todo território nacional. (Fonte: <http://www.grupocultivar.com.br>)

1. Perfil dos Produtores

A cultura do pimentão é realizada em sua maioria por pequenos produtores que praticam a agricultura familiar, em diferentes modalidades de cultivo. Em Alagoas, esses produtores são provenientes da mudança da cultura do fumo, que buscaram novas alternativas para a sua plantação. (Fonte: <http://www.wikialagoas.al.org.br>).

2. Procedência

Com a implantação do Arranjo Produtivo Local (APL) Horticultura no Agreste, em 2008, a produção de hortaliças ganhou força na região e induziu o estado de Alagoas a aumentar sua produção, estimulando assim a agricultura familiar.

Desta forma, os municípios pertencentes ao APL da Horticultura no agreste passaram a distribuir hortaliças, assim como o pimentão para a CEASA-AL, provenientes em sua maioria do município de Arapiraca.

3. Abastecimento

A partir da produção com procedência nos municípios pertencentes ao APL da Horticultura no agreste, a mesma é escoada para a central de abastecimento (CEASA), aumentando a contribuição de produtos provenientes de Alagoas.

Contudo, a produção local ainda não é suficiente para suprir as necessidades comerciais dentro do IDERAL/CEASA-AL, sendo necessária a importação de pimentões de outros estados, principalmente de Pernambuco para atendimento pleno da demanda.

4. Comercialização

A comercialização do pimentão é realizada em diferentes canais, podendo o agricultor vender seu produto a intermediários, feiras livres, associações e cooperativas de produtores, Ceasa, no atacado e no varejo, em sacolões e supermercados.

A comercialização do pimentão dentro do IDERAL/CEASA-AL entre os anos de 1986 a 2014, apresenta o comportamento de tendência conforme gráfico abaixo:

Gráfico 4 – Comercialização de Pimentão (1986 – 2014)

Fonte: Dados dos relatórios IDERAL 1986 a 2014

Evolução da Comercialização do Pimentão (Kg/ano) - CEASA/AL

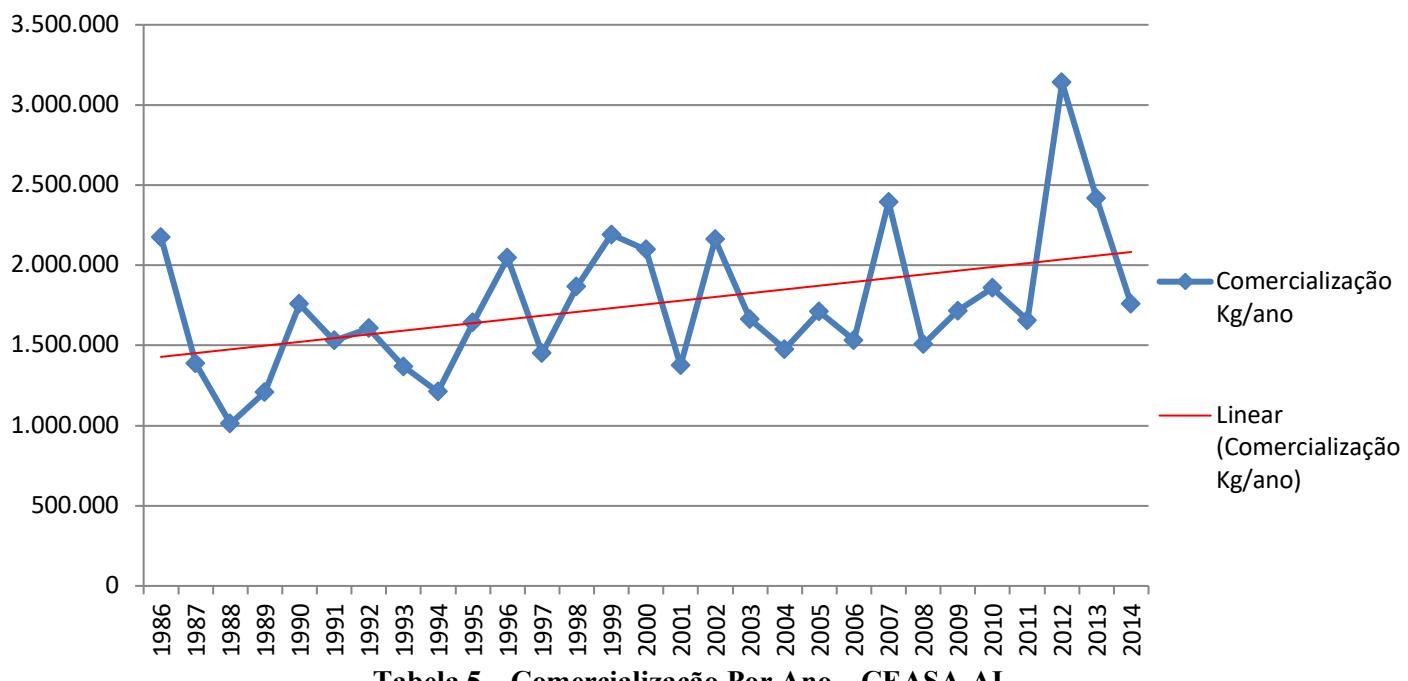


Tabela 5 – Comercialização Por Ano – CEASA-AL

Produto: Pimentão			
ANO	Comercialização Kg/ano	ANO	Comercialização Kg/ano
1986	2.176.107	2001	1.374.020
1987	1.386.478	2002	2.160.735
1988	1.012.149	2003	1.661.664
1989	1.208.509	2004	1.475.700
1990	1.758.693	2005	1.710.769
1991	1.531.170	2006	1.532.647
1992	1.606.948	2007	2.394.936
1993	1.367.944	2008	1.507.534
1994	1.211.068	2009	1.716.649
1995	1.642.683	2010	1.857.586
1996	2.046.023	2011	1.656.641
1997	1.449.894	2012	3.139.223
1998	1.866.405	2013	2.416.282
1999	2.192.418	2014	1.758.825
2000	2.098.188	-	-

Fonte: Dados dos relatórios IDERAL 1986 a 2014

Conforme apresentado graficamente, o volume de pimentão comercializado entre os anos estudados apresenta uma desarmonia, variando de 1.000.000 á 2.500.000 kg por ano. Ressalta-se ainda que parte deste volume seja proveniente de outros estados, já que o volume de produção local não supre as demandas de mercado.

A comercialização do pimentão gira em um valor que varia em torno de R\$ 8,00 a R\$ 13,00 para caixa com 12 kg. Vale ressaltar que o produtor obterá maior margem de remuneração do seu produto quando diminuir a intermediação na sua comercialização, já que o pimentão permite retornos econômicos pela sua segmentação de mercado (pimentão verde, pimentão diferenciado em coloração e tamanho, bem como, em diferentes tipos de embalagens). (Fonte: <http://www.ideral.al.gov.br>)

5. Oportunidade

O APL foi de grande valia no desenvolvimento e aperfeiçoamento da produção de pimentões no estado de Alagoas, o que favorece o mercado local e auxilia na melhoria do plantio e rentabilidade por parte dos produtores, uma vez que o caminho que o produto faz até o consumidor final fica cada vez mais curto e menos oneroso. Avançar com projeto como o APL da Horticultura do Agreste tende a fortalecer de forma exponencial o mercado local.

iii. Repolho



O repolho é uma variedade peculiar de couve, constituindo uma planta bianual, herbácea, da família das *Brassicaceae* ou crucíferas, as folhas superiores do caule aparecem encaixadas umas nas outras, formando o que é designado como uma "cabeça" compacta (daí o título de *Capitata*, dada ao grupo cultivar).

No Brasil, é cultivado principalmente no Centro-Sul, sendo esta região o polo exportador dessa hortaliça, destacando-se os Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. (Fonte: www.almanaquecampocampo.com.br)

1. Perfil dos Produtores

A cultura do repolho é constituída de pequenos produtores que praticam a agricultura familiar de subsistência, que diversificam e cultivam outras hortaliças para agregar em sua renda familiar. (Fonte: <http://www.wikialagoas.al.org.br>).

2. Procedência

Em Alagoas, o cultivo do repolho é praticamente inexistente, acarretando na importação deste produto de várias regiões do país, principalmente do Estado de Pernambuco.

A produção desse produto no Estado concentra-se na região do Agreste alagoano, com a implantação do APL de Hortaliças que apoia o fortalecimento do desenvolvimento sustentável da horticultura, usando de forma adequada os recursos produtivos, objetivando ampliar a comercialização, agregação de valor aos produtos e o aumento no número de ocupação e renda dos pequenos produtores da região.

3. Abastecimento

Devido à baixa produção de repolho em território alagoano, o estado possui grande dependência de abastecimento da hortaliça de outros estados, tendo como principal mantenedor o estado de Pernambuco.

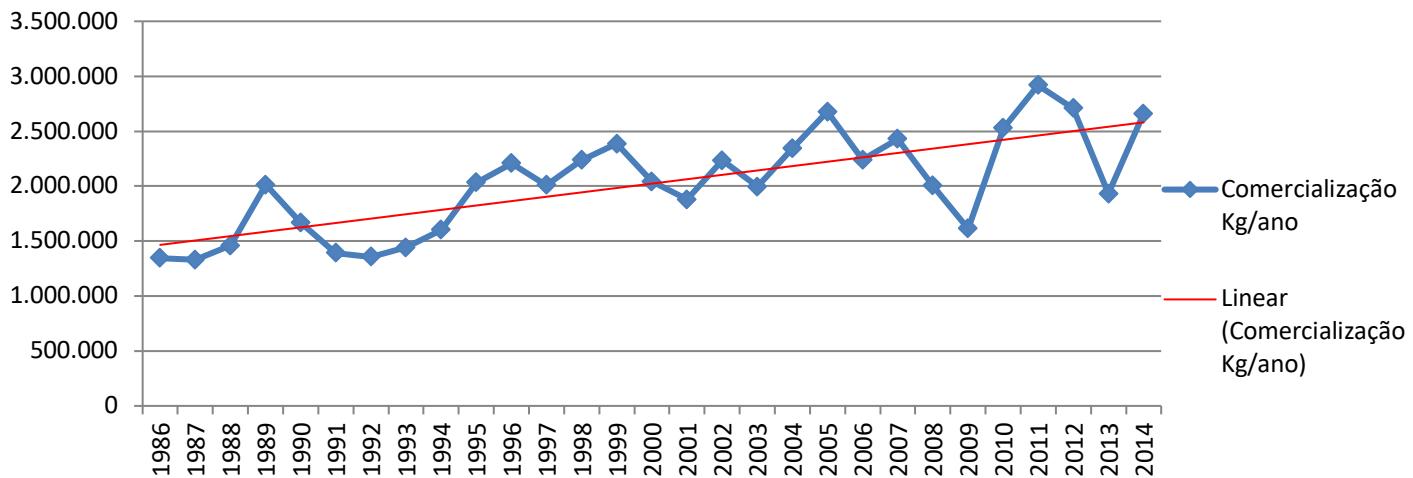
4. Comercialização

Com o APL de hortaliças no agreste, nota-se um aumento da produção local, trazendo investimentos no cultivo das hortaliças e garantindo a ocupação de famílias, com a finalidade também de minimizar os gargalos existentes no processo de comercialização.

Com isso, procurou-se analisar a comercialização do repolho via IDERAL/CEASA-AL, levando-se em conta a proveniência da hortaliça em sua maior parte de outros Estados, no período de 1986 a 2014.

Gráfico 5 – Comercialização de Repolho (1986 – 2014)

Evolução da Comercialização da Repolho (Kg/ano) - CEASA/AL



Fonte: Dados dos relatórios IDERAL 1986 a 2014

Tabela 6 – Comercialização Por Ano – CEASA-AL

Produto: Repolho			
ANO	Comercialização Kg/ano	ANO	Comercialização Kg/ano
1986	1.344.135	2001	1.877.273
1987	1.330.289	2002	2.232.812
1988	1.458.628	2003	1.994.019
1989	2.010.882	2004	2.342.473
1990	1.668.350	2005	2.677.656
1991	1.391.532	2006	2.239.519
1992	1.356.932	2007	2.429.384
1993	1.440.865	2008	2.004.115
1994	1.600.700	2009	1.612.660
1995	2.034.040	2010	2.526.816
1996	2.207.065	2011	2.917.484
1997	2.010.523	2012	2.707.157
1998	2.236.845	2013	1.929.919
1999	2.384.021	2014	2.657.960
2000	2.040.680		-

Fonte: Dados dos relatórios IDERAL 1986 a 2014

Graficamente pode-se observar essa comercialização ano a ano e nota-se que o volume de comercialização do repolho ao longo das décadas manteve-se numa faixa de 1.000.000 a 2.000.000 de kg/ano, com uma leve ascendência nos últimos anos estudados.

5. Oportunidade

Apesar do baixo índice de produção encontrado no estado de Alagoas, o repolho possui um alto índice de comercialização dentro do CEASA, o que demonstra uma demanda reprimida e sendo atendida quase que exclusivamente por Pernambuco, demonstrando assim que existem possibilidades favoráveis para o cultivo.

iv. Tomate



O tomate é o fruto do tomateiro, sua espécie é originária da América Central e do Sul, sendo uma das hortaliças de maior importância econômica no mundo, destacando-se pelo seu valor nutricional. Caracteriza-se por possuir alto teor de caroteno, tiamina, niacina e vitamina C, sendo um fruto rico em licopeno.

No Estado de Alagoas o tomate é a segunda hortaliça mais produzida, ficando atrás somente da batata-doce, mas ainda assim a produção local não é suficiente para suprir as necessidades do mercado alagoano. ([Fonte: http://www.sbpnet.org.br](http://www.sbpnet.org.br))

1. Perfil dos Produtores

A produção de tomate no estado de Alagoas provém de pequenos produtores, que praticam agricultura do tipo subsistência, onde o agricultor planta e consome boa parte do que produz, e o que não é consumido pela família é comercializado.

2. Procedência

A maior parte do tomate comercializado na CEASA-AL é originária dos estados de Pernambuco e Bahia, com uma média de 8.285 toneladas da hortaliça. O estado de

Alagoas é responsável por 14,1% de todo volume comercializado. Dentre os municípios alagoanos que produzem tomate, estão: Arapiraca, Palmeira dos Índios e União dos Palmares.

3. Abastecimento

Os produtores alagoanos contribuem apenas com cerca de 1.158.792 kg de tomate para abastecimento no IDERAL/CEASA-AL, já que os principais fornecedores da hortaliça são os estados de Pernambuco, Bahia, Sergipe, Goiás, Espírito Santo, Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais e Paraíba.

4. Comercialização

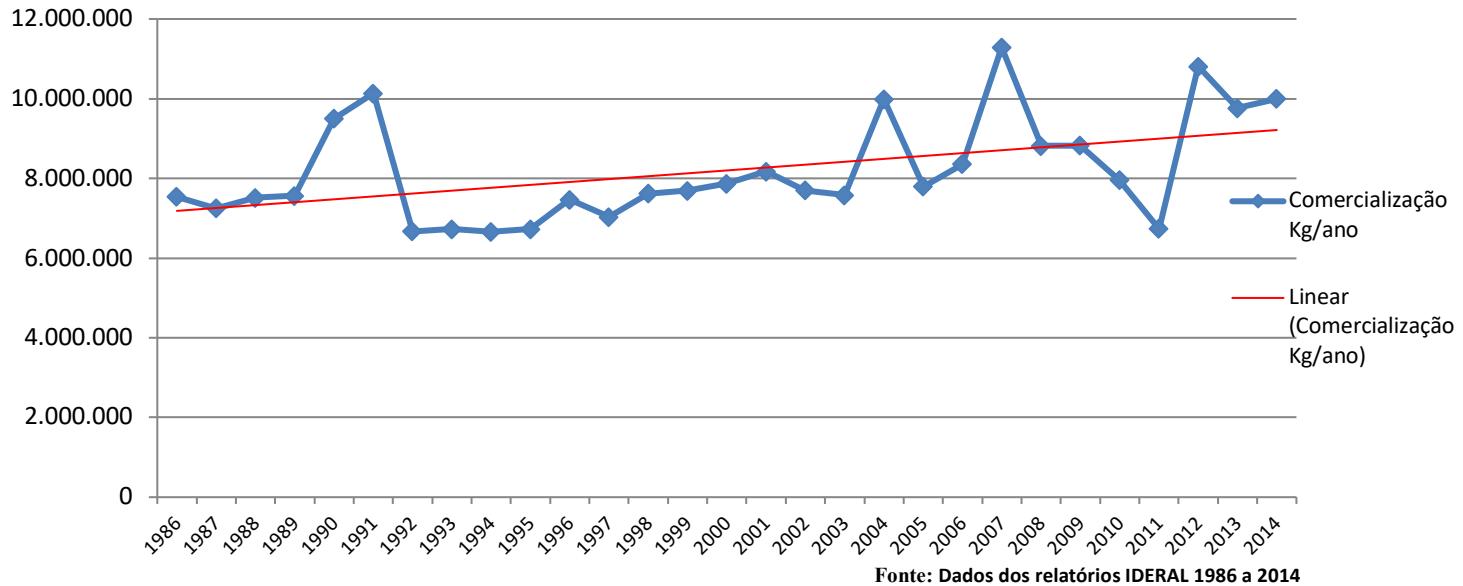
O processo de comercialização é um dos maiores problemas enfrentados pelos produtores, já que muitas vezes são realizados por meio de intermediários, reduzindo assim suas possibilidades de maiores ganhos.

Ao serem comercializados no mercado, os preços são determinados pela oferta e a procura, dessa forma os produtores utiliza-se do CEASA-AL para quem tem a possibilidade de vender em atacado, garantindo maior retorno.

O gráfico e tabela seguintes apresentam a comercialização da hortaliça em Alagoas, no período de 1986 a 2014.

Gráfico 6 – Comercialização de Tomate (1986 – 2014)

Evolução da Comercialização do tomate (Kg/ano) - CEASA/AL



Fonte: Dados dos relatórios IDERAL 1986 a 2014

Tabela 7 – Comercialização Por Ano – CEASA-AL

Produto: Tomate			
ANO	COMERCIALIZAÇÃO KG/ANO	ANO	COMERCIALIZAÇÃO KG/ANO
1986	7.542.559	2001	8.172.260
1987	7.252.856	2002	7.699.049
1988	7.517.702	2003	7.575.105
1989	7.566.563	2004	9.991.470
1990	9.500.296	2005	7.797.620
1991	10.135.241	2006	8.359.511
1992	6.671.822	2007	11.290.551
1993	6.729.885	2008	8.814.429
1994	6.660.250	2009	8.827.060
1995	6.724.731	2010	7.958.425
1996	7.469.674	2011	6.734.362
1997	7.033.291	2012	10.808.680
1998	7.621.505	2013	9.766.559
1999	7.691.407	2014	9.993.210
2000	7.870.140	-	-

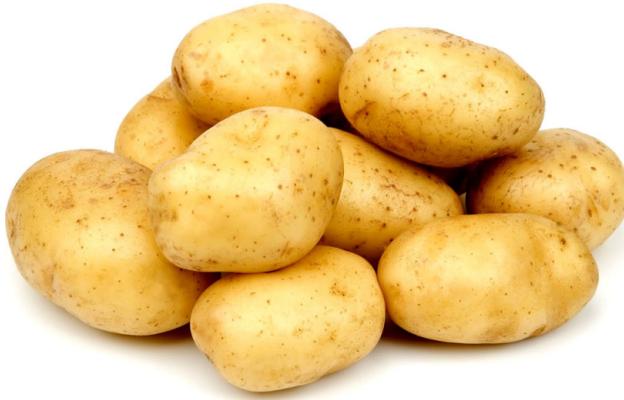
Fonte: Dados dos relatórios IDERAL 1986 a 2014

Conforme análise gráfica apresentada acima e índices coletados no mercado atacadista via IDERAL/CEASA-AL, no período de 1986 a 2014, vemos uma crescente no volume de comercialização de tomate ao longo dos anos, indicando um maior incremento dos volumes transacionados nos anos 1991, 2012, 2013 e 2014.

5. Oportunidade

Mesmo se tratando da 2º hortaliça mais produzida/comercializada em Alagoas, ainda existe um extenso caminho para os produtores alagoanos aumentarem suas produções de tomate em Alagoas, se for levado em conta que do total comercializado, apenas 14% é produzido localmente. Municípios do agreste do estado (Arapiraca e Palmeira dos Índios) representam quase a totalidade dessa produção, mas não significa que apenas a região do agreste possua características climáticas para a cultura do tomate, tendo em vista a produção em vários estados do Brasil e em diferentes condições climáticas.

v. Batata Inglesa (Batatinha)



A batata (*Solanum tuberosum*) é uma planta herbácea, que é cultivada por todo o mundo, originariamente acredita-se que é descendente da subespécie indígena na Europa, que logo se adaptou aos dias mais longos.

Segundo dados do IBGE, a batata no Brasil é cultivada em aproximadamente 149 mil ha, sendo distribuída principalmente nos seguintes estados: Minas Gerais, Paraná, São Paulo, Rio Grande do Sul, Bahia e Goiás.

1. Perfil dos Produtores

A produção de batata inglesa em Alagoas é formada por produtores rurais de pequeno porte, que praticam a agricultura familiar, interessados em diversificar a produção e assim aumentarem sua renda. (Fonte: <http://www.sbpnet.org.br>)

2. Procedência

Com relação ao volume de batata inglesa comercializado nas dependências do IDERAL/CEASA, sua proveniência é das mais diversas unidades da federação do país, abrangendo as regiões: nordeste, centro-oeste, sul e sudeste. A comercialização de batata em Alagoas depende quase que totalmente da importação proveniente dessas regiões, já que o estado produz menos de 1% da hortaliça, advindos dos municípios de Coruripe, Arapiraca, Feira Grande e Taquarana.

3. Abastecimento

O abastecimento de batata-inglesa na CEASA-AL é em sua maioria oriunda do Estado da Bahia que detém cerca de 70% das batatas comercializadas na central de abastecimento alagoana. Outro estado, com bastante importância no abastecimento para comercialização na CEASA-AL é Minas Gerais com uma participação média de 10% da hortaliça. A participação alagoana nesse abastecimento via região Agreste é insignificante se comparada às demais regiões fornecedoras, com um volume médio de cerca de 45 mil kg por ano.

4. Comercialização

A batata é um produto altamente perecível e de difícil armazenagem, por isso, sua comercialização se dá ao longo da colheita sujeitando sua comercialização às oscilações de mercado.

Dessa forma, percebe-se que os preços de venda da batata-inglesa oscilam ao longo do ciclo produtivo e ao longo do ano, pois a produção de batatas no país se dá de maneira segmentada.

Diante do exposto, buscou-se analisar a comercialização da batata-inglesa no período de 1986 a 2014, observando-se o comportamento do volume desse produto dentro do IDERAL/CEASA-AL, conforme demonstrado graficamente abaixo:

Gráfico 7 – Comercialização de Batata Inglesa (1986 – 2014)

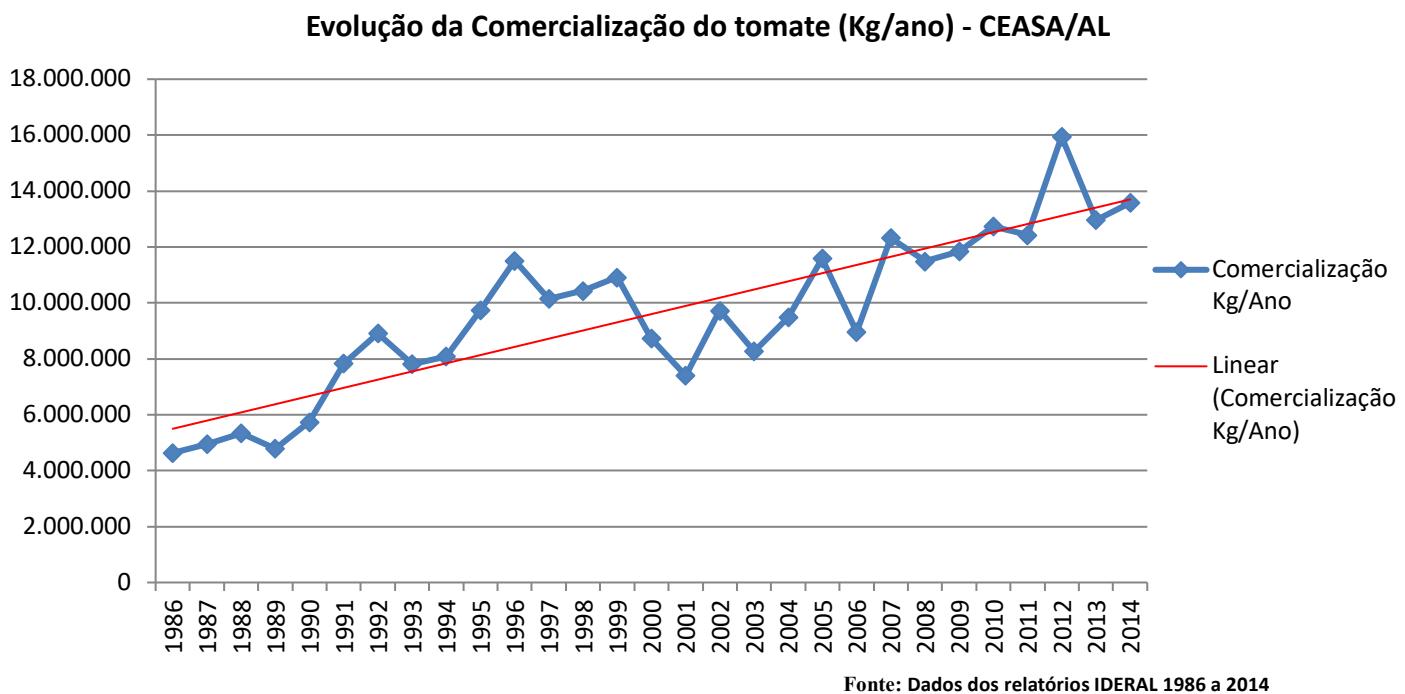


Tabela 8 – Comercialização Por Ano – CEASA-AL

Produto: Batata - Inglesa			
ANO	COMERCIALIZAÇÃO KG/ANO	ANO	COMERCIALIZAÇÃO KG/ANO
1986	4.633.740	2001	7.398.670
1987	4.952.204	2002	9.726.453
1988	5.345.920	2003	8.274.510
1989	4.790.680	2004	9.489.020
1990	5.739.580	2005	11.586.406
1991	7.830.980	2006	8.962.380
1992	8.911.082	2007	12.325.465
1993	7.815.305	2008	11.488.185
1994	8.092.500	2009	11.839.980
1995	9.738.852	2010	12.735.046
1996	11.514.640	2011	12.432.510
1997	10.148.110	2012	15.949.882
1998	10.432.848	2013	12.965.234
1999	10.912.900	2014	13.579.070
2000	8.734.748	-	-

Fonte: Dados dos relatórios IDERAL 1986 a 2014

Como observado graficamente acima percebe-se que o volume de batata inglesa comercializado ao longo dos anos nas dependências do IDERAL/CEASA apresenta uma constância de 1986 a 1990, com um volume em torno de 4.000.000 a 5.000.000 de kg por ano. A partir de 1991, nota-se um crescimento desse volume passando de 7.000.000 á 15.000.000 de kg de batata por ano dentro da central de abastecimento alagoana.

5. Oportunidade

Alagoas produz apenas 1% do volume total do que é comercializado no CEASA, portanto, existe um *gap* de produção altíssimo, principalmente se observarmos o volume médio de toneladas comercializadas (9.500.000 t/ano), o que demonstra um segmento altamente atrativo para produtores locais. Se observarmos que 70% das batatas comercializadas são oriundas do estado da Bahia, o preço final do produto sofre um impacto significativo referente ao custo logístico, além dos custos na dificuldade de armazenagem e da alta perecividade da batata, onerando o produto comercializado localmente e gerando uma oportunidade de produção local.

vi. Cebola



A cebola é uma planta herbácea com cerca de 60 cm de altura que apresenta folhas grandes, o caule verdadeiro está localizado abaixo da superfície do solo, sendo este um disco compacto com formato cônico, situado na base inferior do bulbo de onde partem as raízes.

Devido às suas características de cultivo, como clima e solo, o cultivo da cebola depende do produtor possuir conhecimento em práticas de irrigação, já que se desenvolvem melhor em regiões semiáridas. Dessa forma, o plantio de cebola ocorre durante todo o ano, sendo cultivada principalmente em: Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais e Paraná.

1. Perfil dos Produtores

O cultivo da cebola é de grande importância socioeconômica para o desenvolvimento local, uma vez que é cultivada por pequenos agricultores, em sua maioria proveniente da agricultura familiar, gerando mão-de-obra, emprego e renda aos envolvidos. (Fonte: www.cidados.ibge.com.br)

2. Procedência

O volume de cebola comercializada nas dependências do IDERAL/CEASA é proveniente das regiões: nordeste, sul e sudeste. A comercialização de cebola no estado de Alagoas possui uma dependência total de importação da hortaliça provenientes dessas regiões.

3. Abastecimento

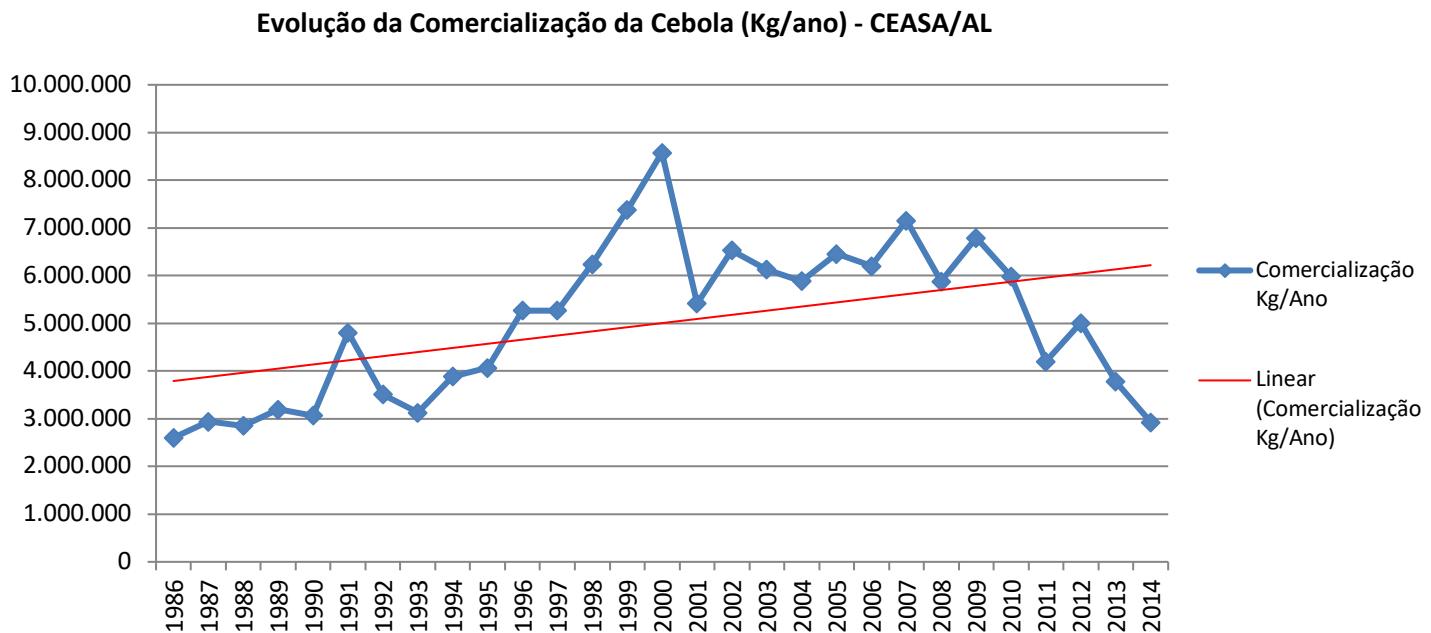
O abastecimento de cebola nas dependências do IDERAL/CEASA-AL é em sua maioria oriunda do Estado de Santa Catarina, onde abastecem a central com cerca de 90% das cebolas comercializadas no local. Além desse estado, abastecem o CEASA-AL os seguintes estados do Vale do São Francisco: Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Norte.

4. Comercialização

A comercialização da cebola exige que o processo aconteça segundo as práticas de manuseio e conservação, visto que a hortaliça possui certa perecibilidade, evitando assim perda, expandindo a margem de comercialização.

Com o intuito de verificar o volume de cebola comercializada nas dependências do IDERAL/CEASA-AL, desenvolve-se graficamente essas quantidades ano a ano, de 1986 ao ano de 2014, conforme ilustrado a seguir.

Gráfico 8 – Comercialização de Cebola (1986 – 2014)



Fonte: Dados dos relatórios IDERAL 1986 a 2014

Tabela 9 – Comercialização Por Ano – CEASA-AL

Produto: Cebola			
ANO	COMERCIALIZAÇÃO KG/ANO	ANO	COMERCIALIZAÇÃO KG/ANO
1986	2.602.280	2001	5.413.623
1987	2.938.478	2002	6.530.828
1988	2.853.830	2003	6.128.060
1989	3.196.610	2004	5.887.600
1990	3.070.620	2005	6.457.042
1991	4.803.525	2006	6.201.260
1992	3.510.620	2007	7.155.934
1993	3.126.840	2008	5.878.190
1994	3.886.194	2009	6.791.600
1995	4.066.000	2010	5.988.840
1996	5.271.800	2011	4.201.280
1997	5.271.800	2012	5.009.732
1998	6.240.279	2013	3.776.596
1999	7.374.266	2014	2.924.720
2000	8.577.872	-	-

Fonte: Dados dos relatórios IDERAL 1986 a 2014

5. Oportunidades

Condições climáticas do semiárido são fundamentais para uma boa produção de cebolas, por esse motivo os estados localizados no Sul e Sudeste do Brasil possuem uma maior representação na produção nacional. A produção local é insignificante para atender a demanda. É possível incentivar a produção local de cebolas com incentivos em projetos de irrigação e repasse de conhecimento e tecnologia de plantio.

c. Frutíferas

A maioria dos frutos é o resultado do desenvolvimento do ovário da flor após a fecundação, originando, assim, as sementes. Algumas frutas, porém, resultam do amadurecimento do ovário mesmo sem fecundação, produzindo frutos partenocápicos, como é o caso da banana, do abacaxi e de algumas cultivares de uvas e citros.

A seguir são apresentadas as principais espécies frutíferas comercializadas nas dependências do IDERAL/CEASA-AL.

i. Laranja (Tipo: Pêra e Lima)



Uma das frutas mais conhecidas e cultivadas no mundo, a laranja é o fruto da laranjeira, uma árvore da família Rutaceae. É um fruto híbrido que teria surgido na antiguidade a partir do cruzamento da cimboa com a tangerina.

Por ser uma fruta rica em nutrientes e vitaminas, o suco da laranja é uma das commodities agrícolas de grande importância para a economia brasileira, tendo grande participação no montante de exportações do agronegócio brasileiro, sendo o Brasil responsável por cerca de 20% da produção mundial, com cerca de 19 milhões de toneladas, caracterizando-se como um dos maiores produtores e exportadores de laranja em todo o mundo. (Fonte: www.noticiasagricolas.com.br)

1. Perfil dos Produtores

A produção de Laranja em Alagoas é constituída de pequenos agricultores familiares, que praticam a produção para a geração de renda. Com o advento do APL da Laranja no Vale do Mundaú esses pequenos produtores foram organizados no sistema de cooperativismo, formando a COOPLAL (Cooperativa dos Produtores de Laranja Lima de Santana do Mundaú Ltda.), com intuito de atender maiores demandas, devido à expansão produtiva. (Fonte: <http://dados.al.gov.br>)

2. Procedência

Alagoas ocupa o ranking de 3º maior produtor de laranja lima da região nordeste, por possuir cerca de 2.500 agricultores familiares, organizados em 40 associações e uma cooperativa regional (COOPLAL), com uma produção média de 112 mil toneladas por ano.

A laranja lima comercializada nas dependências do CEASA-AL é proveniente dos municípios do APL da Laranja no Vale do Mundaú, que são: Branquinha, Ibateguara, Santana do Mundaú, São José da Laje e União dos Palmares.

3. Abastecimento

O abastecimento da fruta nas dependências do IDERAL/CEASA-AL vem em sua maior parte do município de Santana do Mundaú, maior produtor de laranja lima do estado, o município representa cerca de 90% da produção total, seguido de União dos Palmares e Branquinha. Ainda assim a CEASA-AL recebe laranja de outros estados, como é o caso de Sergipe.

4. Comercialização

Com o APL da Laranja no Vale do Mundaú, a comercialização da laranja lima no estado de Alagoas, via IDERAL-CEASA, passou a transacionar grandes quantidades da fruta oriundas do próprio estado, e com a organização dos produtores rurais em associações e cooperativas diminuiu assim o gargalo que ocorre entre a produção e a comercialização.

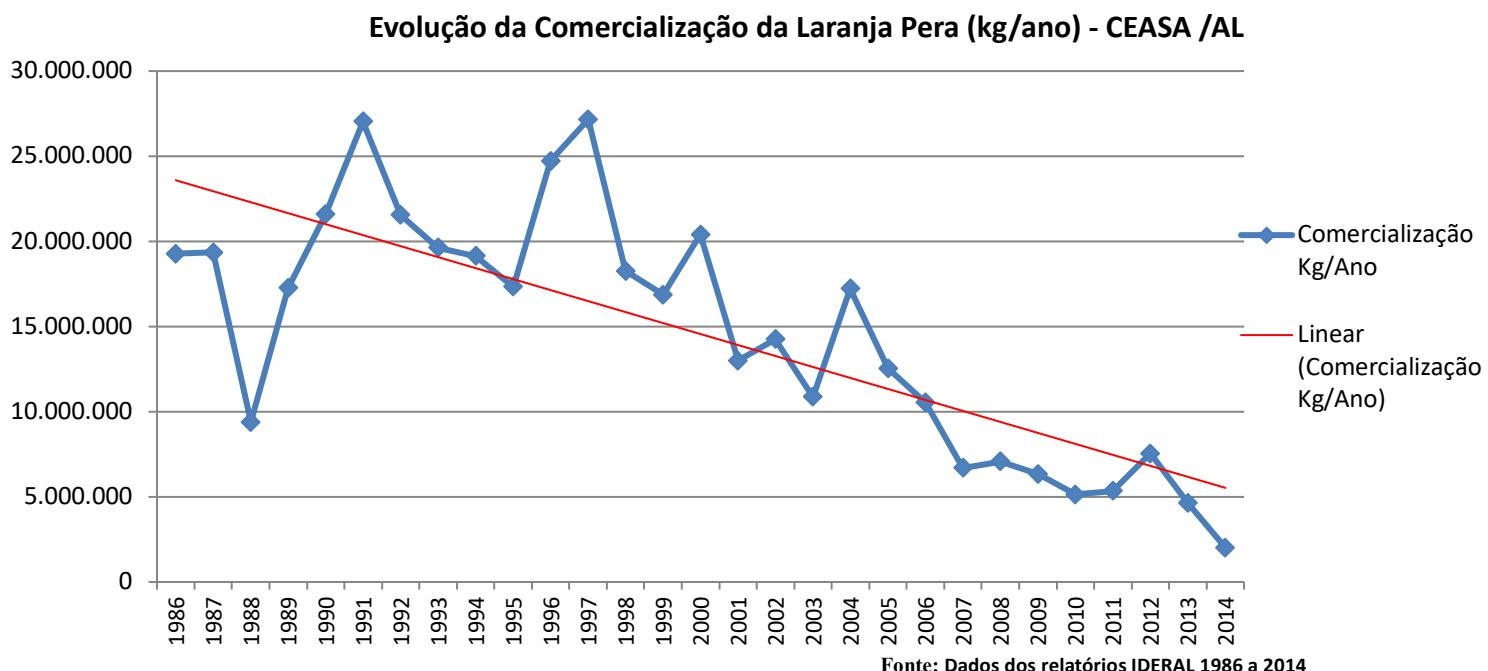
Através dos gráficos e tabelas abaixo é possível identificar os volumes de laranja comercializados nas dependências do IDERAL/CEASA-AL entre os anos de 1986 a 2014. Para tanto, apresentam-se dois tipos de laranja a do tipo Pera e a do tipo Lima.

Tabela 10 – Comercialização Por Ano – CEASA-AL

Produto: Laranja Pera			
Ano	Comercialização Kg/Ano	Ano	Comercialização Kg/Ano
1986	19.277.227	2001	12.986.092
1987	19.350.368	2002	14.257.730
1988	9.390.618	2003	10.873.353
1989	17.258.226	2004	17.216.431
1990	21.597.300	2005	12.546.549
1991	27.027.032	2006	10.533.552
1992	21.546.508	2007	6.693.419
1993	19.632.759	2008	7.080.563
1994	19.139.261	2009	6.344.860
1995	17.337.281	2010	5.130.685
1996	24.727.709	2011	5.333.922
1997	27.164.279	2012	7.540.196
1998	18.255.989	2013	4.653.844
1999	16.860.914	2014	2.024.028
2000	20.404.538	-	-

Fonte: Dados dos relatórios IDERAL 1986 a 2014

Gráfico 9 – Comercialização de Laranja Pera (1986 – 2014)



A análise do mercado atacadista da CEASA-AL, no período 1986 ao ano de 2014, para o volume de laranja pera, indica que houve um período de instabilidades na produção/comercialização no estado, com um maior incremento nos volumes transacionados nos anos de 1990 a 1997, com o ano de 2010 apresentando um menor volume comercializado dentro do período analisado.

Gráfico 10 – Comercialização de Laranja Lima (1986 – 2014)

Fonte: Dados dos relatórios IDERAL 1986 a 2014

Evolução da Comercialização da Laranja Lima (kg/ano) - CEASA /AL

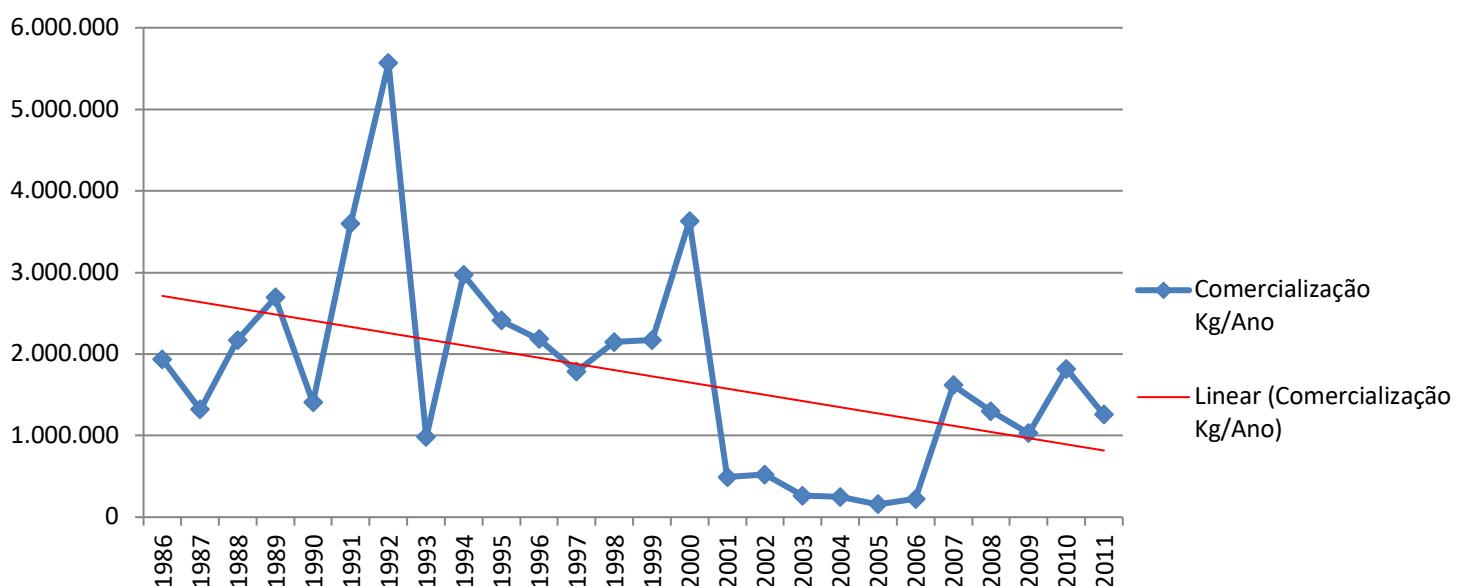


Tabela 11 – Comercialização Por Ano – CEASA-AL

Produto: Laranja Lima			
Ano	Comercialização Kg/Ano	Ano	Comercialização Kg/Ano
1986	1.934.575	1999	2.171.839
1987	1.316.859	2000	3.629.324
1988	2.168.393	2001	488.859
1989	2.693.163	2002	521.221
1990	1.406.065	2003	261.628
1991	3.599.086	2004	246.729
1992	5.566.483	2005	155.966
1993	982.560	2006	224.676
1994	2.970.144	2007	1.617.382
1995	2.408.557	2008	1.298.834
1996	2.181.997	2009	1.030.029
1997	1.785.664	2010	1.818.709
1998	2.146.730	2011	1.257.346

Fonte: Dados dos relatórios IDERAL 1986 a 2014

Observa-se um baixo volume de laranja do tipo Lima nas dependências do IDERAL/CEASA-AL, já que a demanda desse item não é tão significativa pelos alagoanos, não sendo suficiente para absorver toda a produção do Estado. Dessa forma, os produtores vendem parte da produção para Pernambuco, mas mesmo assim não têm conseguido preços satisfatórios.

5. Oportunidade

Por se tratar de um produto de grande consumo mundial, Alagoas está bem posicionado no quesito produção de laranja pera, uma vez que sua demanda local é atendida quase que na plenitude por produtores alagoanos, deixando espaço para laranjas importadas do estado vizinho de Sergipe. Observa-se que a APL da Laranja implantada no vale do mundaú e a organização dos produtores em cooperativas, contribuiu de forma significativa no avanço da produção da laranja e na profissionalização da produção. A oportunidade destacada na produção de laranja lima está relacionada à exportação desse item para outros estados, tendo em vista seu baixo consumo local.

ii. Banana



Entre todas as frutas, a banana é uma das mais conhecidas e consumidas em todo o mundo. Oriunda do sudeste da Ásia e símbolo dos países tropicais, a banana se adaptou muito bem aos vários tipos de solos e climas, passando a ser cultivada em cerca de 130 países. A banana é uma planta herbácea da família musaceae, ela é um pseudofruto, onde o tubo floral desenvolve-se em conjunto com o ovário, durante a frutificação, sendo comercialmente chamada de fruta.

A Índia é a maior produtora de bananas do mundo, seguida pelo Brasil, China, Equador, Filipinas, Indonésia, Costa Rica e México.

1. Perfil dos Produtores

O cultivo de banana-prata é composto por agricultores familiares que praticam o cultivo como uma tradição familiar, passando de geração em geração. Assim, a cultura vai sendo passada e a renda de centenas de famílias depende basicamente desta produção. Existindo a possibilidade de melhorias e profissionalização da produção. (Fonte: www.agricultura.al.gov.br)

2. Procedência

Após a implantação do APL de Fruticultura no Vale do Mundaú, a cultura de banana-prata foi fortalecida nessas regiões do estado de Alagoas, porém, parte da fruta comercializada na central de abastecimento é proveniente da importação de outros estados, como: Minas Gerais, Bahia e Pernambuco; importação necessária para atender a demanda do mercado interno.

3. Abastecimento

O Abastecimento de banana-prata nas dependências do IDERAL/CEASA-AL, vem em parte da cultura do APL da Fruticultura no Vale do Mundaú, principalmente das cidades de Colônia de Leopoldina, União dos Palmares, Ibateguara e Novo Lino. Além desses municípios alagoanos a central de abastecimento necessita importar de outros estados, para suprir as necessidades do mercado local.

4. Comercialização

A banana é um produto altamente perecível, por esta razão sua comercialização deve ser rápida, racional e feita com uma série de cuidados para que não haja perdas expressivas e o fruto chegue ao seu destino em boas condições.

Além disso, o processo de comercialização muitas vezes é prejudicado devido ao escoamento da produção, sendo efetivado por atravessadores que diminuem a margem de rentabilidade para os pequenos produtores rurais.

Com isso, buscou-se analisar o volume de banana-prata comercializada na CEASA/AL no período de 1986 a 2014, conforme demonstrado abaixo:

Gráfico 11 – Comercialização de Banana-Prata (1986 – 2014)

Fonte: Dados dos relatórios IDERAL 1986 a 2014

Evolução da Comercialização da Banana Prata(kg/ano) - CEASA /AL

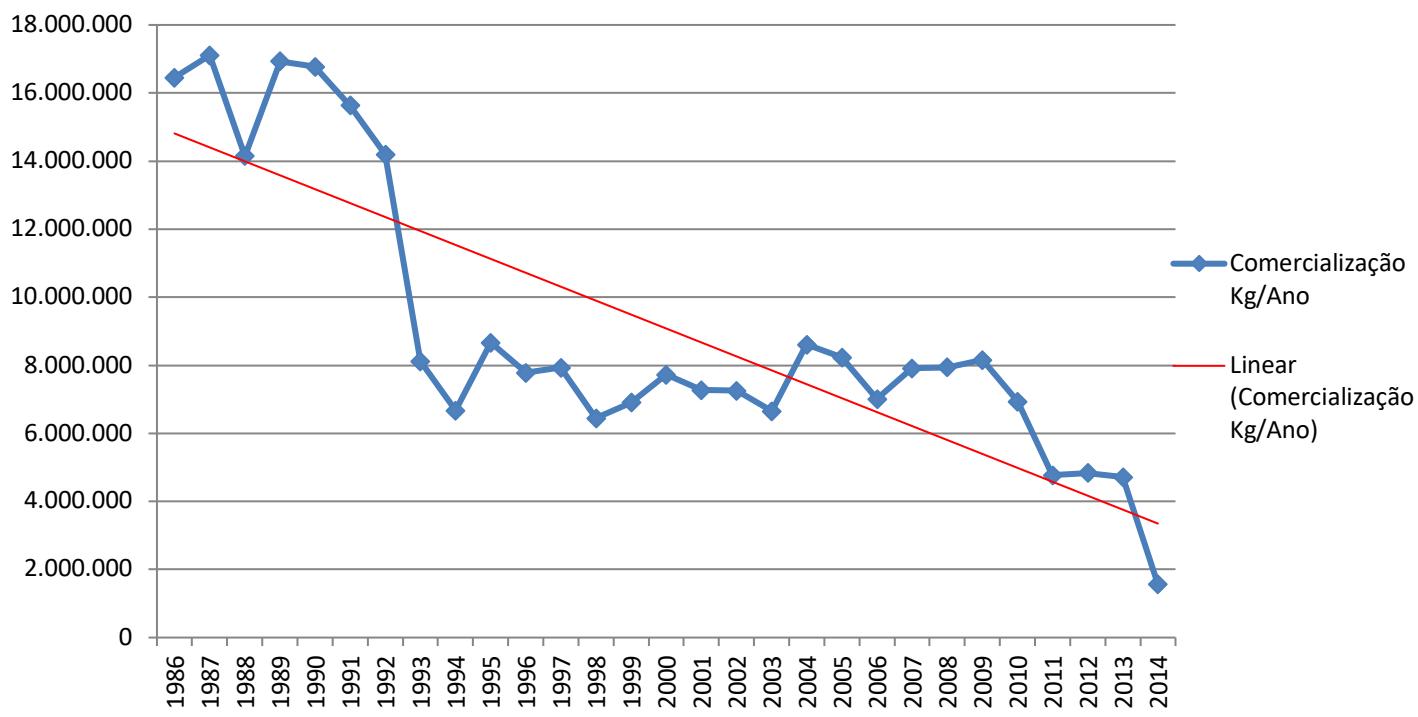


Tabela 12 – Comercialização Por Ano – CEASA-AL

Produto: Banana Prata			
Ano	Comercialização Kg/Ano	Ano	Comercialização Kg/Ano
1986	16.454.002	2001	7.275.482
1987	17.107.951	2002	7.254.197
1988	14.151.028	2003	6.653.381
1989	16.933.610	2004	8.606.028
1990	16.769.681	2005	8.234.504
1991	15.633.859	2006	7.004.025
1992	14.195.862	2007	7.915.721
1993	8.121.032	2008	7.935.476
1994	6.673.021	2009	8.158.284
1995	8.666.668	2010	6.933.288
1996	7.781.934	2011	4.770.986
1997	7.927.002	2012	4.837.179
1998	6.448.208	2013	4.710.231
1999	6.901.080	2014	1.564.330
2000	7.724.878	-	-

Fonte: Dados dos relatórios IDERAL 1986 a 2014

Como pode ser observado, o volume de banana-prata comercializado nas dependências do IDERAL/CEASA-AL é decrescente durante todo o período analisado, chegando ao seu pior resultado no ano de 2014 (1.564.330). Um dos fatores apontados para a redução da movimentação da Banana nas dependências do CEASA/AL é fato das mercadorias que são distribuídas diretamente nos supermercados, feiras de bairros e no mercado público de Maceió, evitando assim registros mais fidedignos desse produto.

5. Oportunidade

A demanda interna é abastecida, em sua grande maioria, por produtores locais ligados a APL de Fruticultura, o que demonstra uma estruturação dos agricultores trabalhando em cooperativismo. A principal oportunidade a ser destacada na cultura da banana-prata é um estudo mais aprofundado referente a redução significativa do volume comercializado ao longo dos últimos 30 anos, com o objetivo de identificar o motivo da redução e uma possível demanda reprimida.

iii. Melancia



Melancia é o nome de uma planta da família Cucurbitaceae e do seu fruto. A fruta é originária das regiões secas, tendo um centro de diversificação secundário no sul da Ásia, sendo trazida ao Brasil por negros no período da escravidão.

A produção brasileira se concentra principalmente nos estados de Goiás, Bahia, Rio Grande do Sul e São Paulo.

1. Perfil dos Produtores

A cultura da melancia é realizada por agricultores rurais, familiares que praticam a diversificação de sua produção, devido ao seu fácil manejo e menor custo de produção para gerar renda. Tem uma expressiva importância no agronegócio brasileiro, sendo cultivada sob irrigação e em condições de sequeiro. Diferentemente do cultivo irrigado, que pode ocorrer durante o ano todo e se utiliza cultivares comerciais, a produção em regime de sequeiro, aonde se utiliza os tipos locais apenas uma vez por ano, durante o período chuvoso, apresentam grande variabilidade quanto às características de aparência externa, cor da polpa, teor de açúcar, conservação pós-colheita, entre outras. (Fonte: <https://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br>)

2. Procedência

A quantidade de melancia comercializada em Alagoas é procedente em sua maioria de outros estados do Nordeste, como: Bahia, Pernambuco e Maranhão. Os municípios alagoanos participam com uma pequena parte, procedentes de Coruripe e Arapiraca.

3. Abastecimento

O Abastecimento de melancia nas dependências do IDERAL/CEASA-AL, vem em parte dos municípios de Coruripe e Arapiraca. Porém, a maior parte do abastecimento é realizada a partir da importação da fruta de outros Estados, como Pernambuco, Bahia e Maranhão.

4. Comercialização

Por ser um produto altamente perecível, a melancia apresenta um gargalo entre o cultivo até a sua comercialização. Com isso, buscou-se uma análise do comportamento da comercialização da melancia nas dependências do IDERAL/CEASA-AL, conforme apresentado graficamente a seguir.

Gráfico 12 – Comercialização de Melancia (1986 – 2014)

Fonte: Dados dos relatórios IDERAL 1986 a 2014

Evolução da Comercialização da Melancia (kg/ano) - CEASA /AL

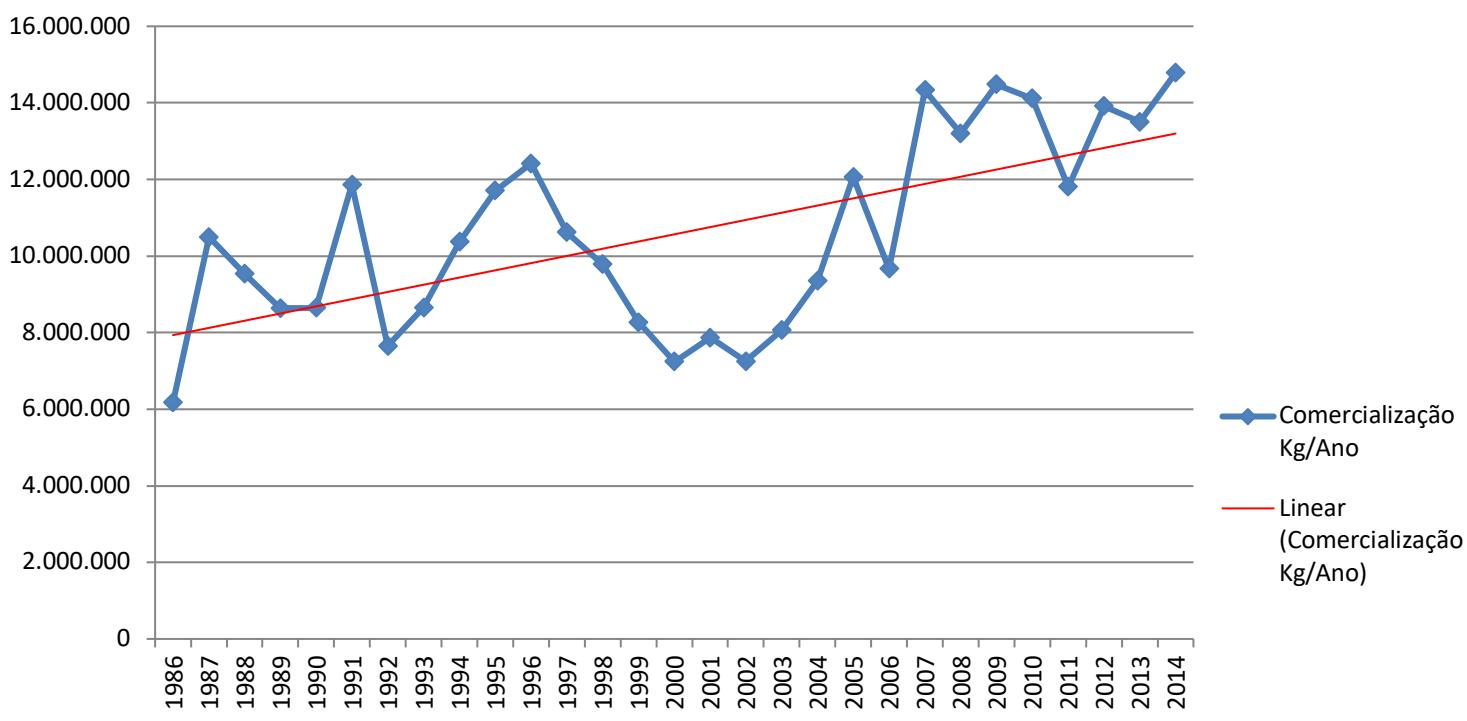


Tabela 13 – Comercialização Por Ano – CEASA-AL

Produto: Melancia			
Ano	Produção Kg/Ano	Ano	Produção Kg/Ano
1986	6.175.626	2001	7.862.821
1987	10.491.104	2002	7.250.719
1988	9.531.399	2003	8.056.760
1989	8.635.030	2004	9.347.285
1990	8.647.756	2005	12.062.130
1991	11.862.880	2006	9.666.542
1992	7.651.852	2007	14.333.998
1993	8.654.270	2008	13.199.750
1994	10.368.597	2009	14.478.500
1995	11.705.880	2010	14.114.700
1996	12.417.910	2011	11.809.012
1997	10.620.220	2012	13.913.609
1998	9.783.790	2013	13.504.625
1999	8.264.278	2014	14.782.030
2000	7.242.470	-	-

Fonte: Dados dos relatórios IDERAL 1986 a 2014

Nota-se que o volume de melancia comercializado nas dependências do IDERAL/CEASA-AL, entre os anos de 1986 á 2014, tem um comportamento flutuante passando por períodos de crescimento, mantendo sempre uma curva ascendente ao decorrer dos anos estudados.

5. Oportunidade

Por ter a maior parte do seu quantitativo comercializado oriundo de outros estados e possuindo um volume significativo de melancias vendidas no CEASA, observa-se uma oportunidade de plantio dessa cultura para os produtores alagoanos, principalmente no que tange o clima favorável. Ações de incentivos e criação de políticas públicas favoráveis à produção de melancias são cruciais para atender a demanda local com produção em Alagoas.

iv. Abacaxi



O abacaxi é uma infrutescência tropical produzida pela planta caracterizada como monocotiledônea da família das bromeliáceas da subfamília Bromelioideae. Os abacaxizeiros cultivados pertencem à espécie *Ananas comosus*, que compreende muitas variedades frutíferas.

Os principais Estados brasileiros produtores de abacaxi são: Paraíba, Minas Gerais, Pará, Bahia e Rio Grande do Norte. (Fonte: www.embrapa.br)

1. Perfil dos Produtores

Os produtores de abacaxi no estado de Alagoas são agricultores rurais familiares, em sua grande maioria trabalham junto à associação de mini e pequenos produtores de abacaxi da região do agreste de Alagoas (AMPPARA). (Fonte: <http://web.arapiraca.al.gov.br>)

2. Procedência

A oferta de abacaxi no Estado é proveniente em sua maioria da região Agreste através das cidades de: Arapiraca, Coruripe e União dos Palmares. Conta-se também com a oferta advinda de outros estados, como: Bahia, Paraíba e Rio Grande do Norte.

3. Abastecimento

O abacaxi que abastece a CEASA-AL é oriundo, em sua maior parte, da região do Poção, zona rural de Arapiraca, que tem a maior produção de abacaxi do agreste. Além dessa região, parte do abastecimento é proveniente também dos municípios de Coruripe e União dos Palmares. Vale ressaltar que, outra parte advém de outros estados, como por exemplo, a Bahia.

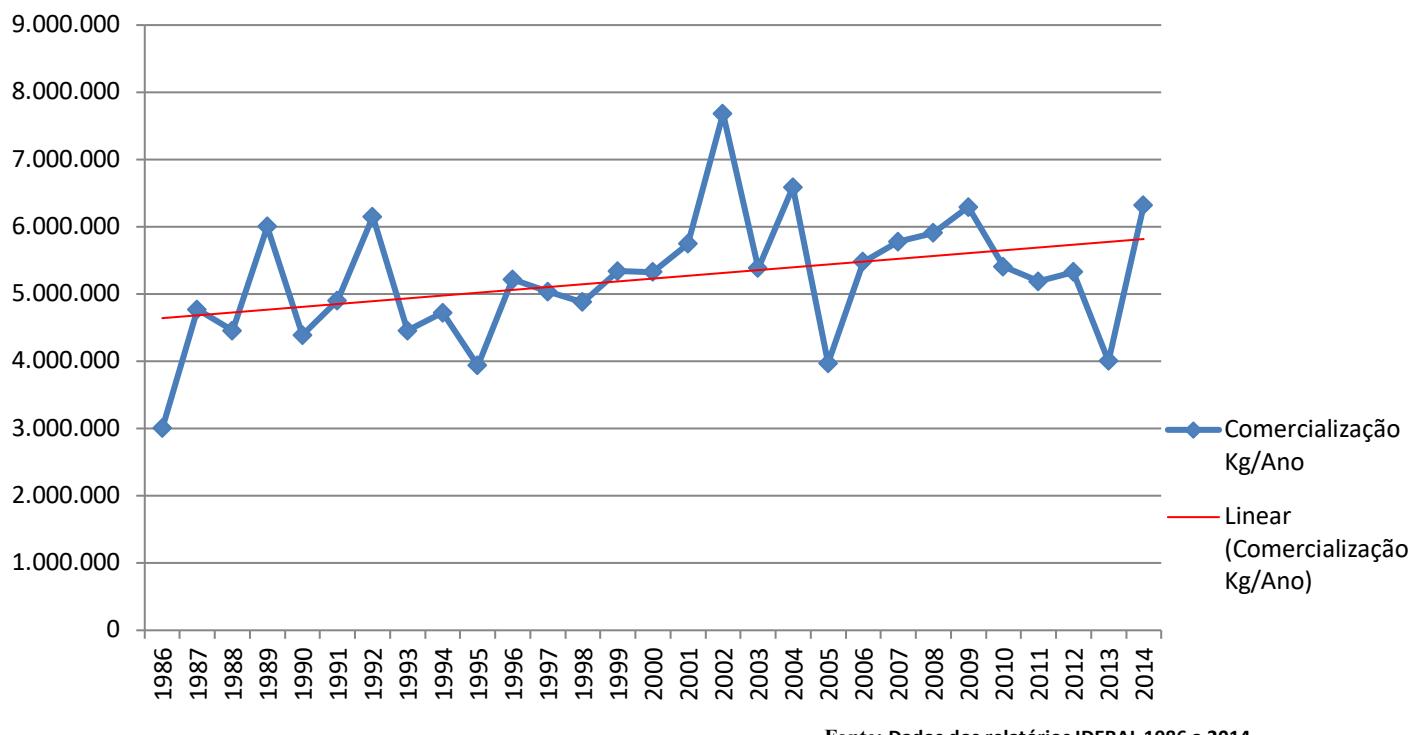
4. Comercialização

A comercialização é a etapa final do processo produtivo. Na cultura do abacaxi, a produção pode ser orientada para o mercado in natura, para importação, exportação ou até mesmo para fins industriais.

O presente estudo tem como vertente a análise da comercialização do abacaxi nas dependências do CEASA-AL no período de 1986 á 2014, conforme apresentado logo mais de forma gráfica.

Gráfico 13 – Comercialização de Abacaxi (1986 – 2014)

Evolução da Comercialização da Abacaxi (kg/ano) - CEASA /AL



Fonte: Dados dos relatórios IDERAL 1986 a 2014

Tabela 14 – Comercialização Por Ano – CEASA-AL

Produto: Abacaxi			
Ano	Comercialização Kg/Ano	Ano	Comercialização Kg/Ano
1986	3.001.648	2001	5.743.588
1987	4.770.161	2002	7.682.725
1988	4.455.623	2003	5.385.210
1989	6.002.617	2004	6.586.225
1990	4.388.445	2005	3.968.817
1991	4.904.594	2006	5.481.395
1992	6.150.538	2007	5.777.979
1993	4.453.837	2008	5.908.526
1994	4.720.641	2009	6.294.326
1995	3.938.036	2010	5.409.236
1996	5.219.369	2011	5.189.500
1997	5.035.542	2012	5.327.996
1998	4.878.988	2013	4.005.721
1999	5.342.763	2014	6.317.470
2000	5.328.614		-

Fonte: Dados dos relatórios IDERAL 1986 a 2014

Conforme apresentado graficamente acima, percebe-se que o volume de abacaxi transacionado nas dependências do IDERAL/CEASA-AL ao longo dos anos de 1986 á 2014, manteve-se numa média de 3.000.000 á 6.000.000 kg por ano. Obtendo um crescimento de 1986 á 1991, seguido de uma retração de 1992 até 2001, voltando a se estabilizar com mais equidade ao longo dos demais anos.

5. Oportunidade

Por se tratar de uma cultura bem difundida em Alagoas, a oportunidade a ser gerada no plantio do abacaxi está relacionada nas melhores práticas de plantio, irrigação, colheita e distribuição, tendo em vista o alto nível de atendimento da demanda local através da produção, principalmente no agreste do estado.

v. Melão



O Melão é uma fruta originária do Oriente Médio, cultivada em regiões semiáridas, com casca espessa e polpa carnosa e suculenta e muitas sementes achadas no centro. Sua cor e textura da casca, bem como a cor e o sabor de sua polpa, variam de acordo com o modo de cultivo.

Sua cultura é de relevante importância socioeconômica no Brasil, em especial na região Nordeste, mais especificamente nos Estados do Rio Grande do Norte e do Ceará, devido às condições climáticas que favorecem o crescimento e o desenvolvimento da cultura.

1. Perfil dos Produtores

A cultura do melão é formada por pequenos produtores, que sobrevivem da agricultura familiar, onde em sua maioria possuem baixo nível de escolaridade, trabalham de forma rudimentar e com pouca orientação técnica. (Fonte: www.agricultura.al.gov.br)

2. Procedência

O melão comercializado nas dependências do IDERAL/CEASA-AL é proveniente exclusivamente da produção de outros Estados, como: Rio Grande do Norte, Pernambuco e Ceará.

3. Abastecimento

100% do melão que abastece a CEASA-AL são oriundos da importação de outros Estados, como: Rio Grande do Norte, Pernambuco e Ceará. Essa importação se faz necessária já que a oferta local é insuficiente para atender as necessidades do mercado local.

4. Comercialização

A maioria dos produtores planeja sua produção objetivando atender as necessidades locais, praticando a economia de subsistência, ou até mesmo visando o atendimento a associações ou cooperativas ao qual fazem parte.

O melão pode ser comercializado de diferentes formas, sejam nos mercados regionais, venda direta ao consumidor, ou até mesmo em feiras livres, barracas informais ou em mercados típicos.

Contudo, o presente estudo se propõe apenas a analisar o volume de melão comercializado na CEASA-AL, no período de 1986 á 2014. Para tanto, utilizou-se meios gráficos que demonstrarão o comportamento dessas transações.

Gráfico 14 – Comercialização de Melão (1986 – 2014)

Fonte: Dados dos relatórios IDERAL 1986 a 2014

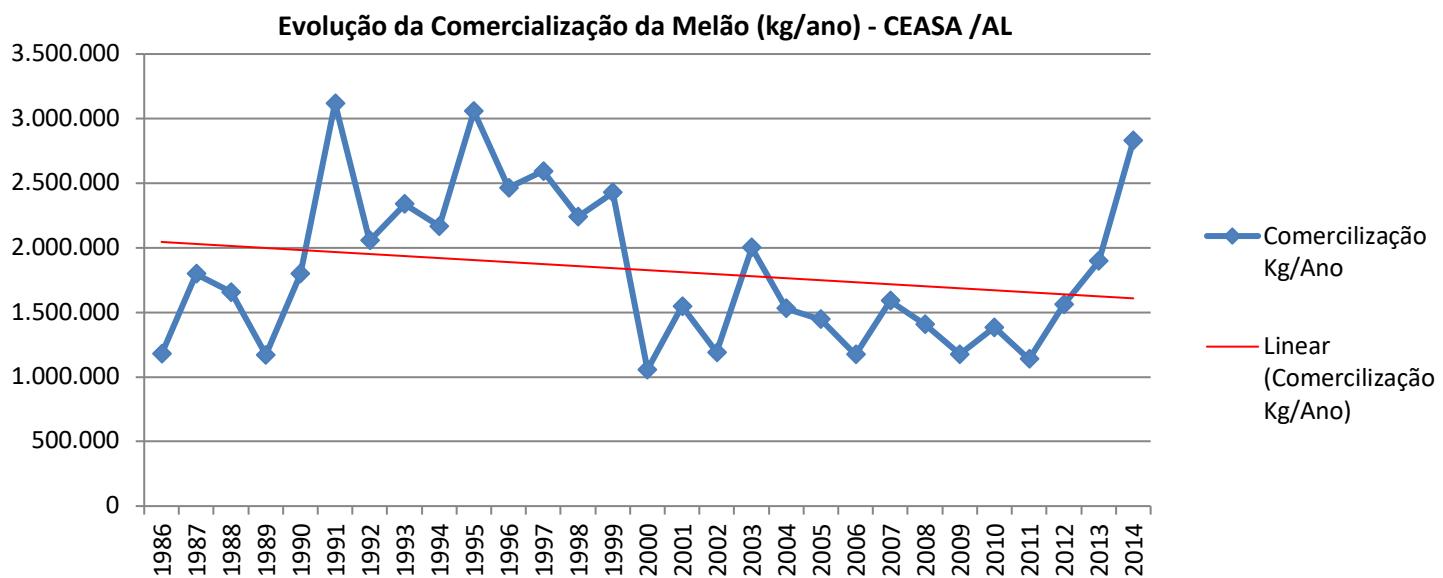


Tabela 15 – Comercialização Por Ano – CEASA-AL

Produto: Melão			
Ano	Comercialização Kg/Ano	Ano	Comercialização Kg/Ano
1986	1.176.912	2001	1.546.630
1987	1.796.870	2002	1.189.654
1988	1.656.420	2003	2.001.620
1989	1.169.360	2004	1.529.200
1990	1.796.450	2005	1.445.329
1991	3.119.300	2006	1.173.300
1992	2.055.600	2007	1.589.020
1993	2.336.500	2008	1.405.750
1994	2.166.900	2009	1.174.430
1995	3.057.200	2010	1.382.926
1996	2.463.520	2011	1.137.980
1997	2.592.300	2012	1.560.230
1998	2.241.168	2013	1.896.200
1999	2.427.407	2014	2.829.450
2000	1.056.800		-

Fonte: Dados dos relatórios IDERAL 1986 a 2014

Conforme, o volume médio de melão está entre 1.000.000 á 3.000.000 de kg por ano dentro do período pesquisado, apresentando uma variação uniforme ao longo dos anos, obtendo certa evolução a partir do ano de 2012.

5. Oportunidade

Como 100% do melão comercializado no CEASA são oriundos de outros estados, o cultivo do melão em Alagoas é uma excelente oportunidade de negócio para produtores locais que buscam atuar em um mercado com baixa oferta local.

vi. Goiaba



A goiaba é o fruto da goiabeira, árvore da espécie *Psidium guajava*, originária da América tropical. No Brasil a oferta de goiaba é abundante, sendo o país o maior produtor mundial de goiabas vermelhas, produzindo frutas para a indústria e para consumo in natura, com a maior parte da produção concentrada no estado de São Paulo e no entorno do rio São Francisco, na região das cidades Petrolina e Juazeiro. (Fonte: www.sebrae.com.br)

1. Perfil dos Produtores

A Produção da goiaba é composta por produtores provenientes da agricultura familiar, que praticam uma produção segmentada, a fim de gerar renda e manter a sobrevivência familiar. Com o APL da Fruticultura, esses pequenos produtores se juntaram em associações e cooperativas.

2. Procedência

Com o Arranjo produtivo Local (APL) Fruticultura no Vale do Mundaú parte da goiaba comercializada no CEASA-AL é procedente dos municípios pertencentes ao entorno do Vale do Mundaú e outra parte é proveniente de outros estados, como: Bahia e Pernambuco.

3. Abastecimento

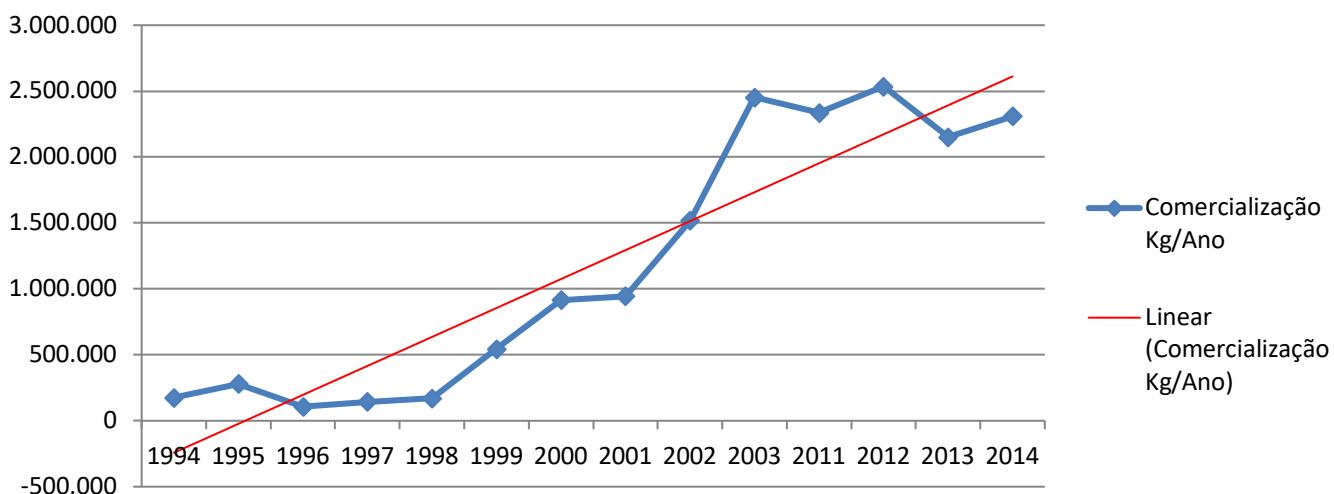
O abastecimento de goiaba nas dependências do IDERAL/CEASA-AL, vem diretamente da produção dos municípios do APL da Fruticultura, no Vale Mundaú, que são: Murici, Branquinha, Ibateguara, Santana do Mundaú, São José da Laje e União dos Palmares e outra remessa desse abastecimento de outros municípios interestaduais, como: Casa Nova, Juazeiro e Petrolina, para suprirem as necessidades da demanda pela fruta no mercado local.

4. Comercialização

Uma das frutas mais populares e procuradas na CEASA-AL, a goiaba tem um mercado garantido praticamente durante todos os meses do ano. Neste sentido, segue abaixo a análise evolutiva do volume de goiaba comercializado nas dependências do IDERAL/CEASA-AL ao longo dos anos.

Gráfico 15 – Comercialização de Goiaba (1994 – 2014)

Evolução da Comercialização da Goiaba (kg/ano) - CEASA /AL



Fonte: Dados dos relatórios IDERAL 1986 a 2014

Tabela 16 – Comercialização Por Ano – CEASA-AL

Produto: Goiaba	
Ano	Comercialização Kg/Ano
1994	174.383
1995	279.318
1996	107.177
1997	144.127
1998	169.840
1999	544.908
2000	915.908
2001	943.722
2002	1.518.499
2003	2.451.759
2011	2.336.096
2012	2.536.198
2013	2.150.748
2014	2.308.745

Fonte: Dados dos relatórios IDERAL 1986 a 2014

Vale ressaltar, que a goiaba não apresenta o total do volume transacionado nas dependências do IDERAL/CEASA-AL de alguns anos. Dessa forma, o período analisado condiz somente com aqueles anos em que se tem essa informação.

O demonstrativo acima apresenta o volume anual comercializado na CEASA-AL, mostrando um incremento na quantidade comercializada de goiaba ao longo dos anos, passando de 174.000 kg por ano em 1994 para 2.000.000 kg em 2014.

5. Oportunidade

A curva ascendente no consumo da Goiaba apresenta uma demanda constante e significativa para a fruta. Como boa parte do abastecimento do CEASA-AL é proveniente da produção local, observa-se uma ótima oportunidade no aumento da produção, atendendo assim a demanda local e uma possível exportação.

8. Ranking de comercialização – CEASA/AL

Abaixo o ranking médio dos hortigranjeiros estudados, de acordo com seu quantitativo comercializado:

Posição	Produto	Média
1º	Laranja Pera	14.558.111
2º	Melancia	10.556.743
3º	Batata	9.598.169
4º	Banana Prata	9.080.791
5º	Tomate	8.199.180
6º	Abacaxi	5.230.004
7º	Cebola	5.004.701
8º	Inhame	4.934.920
9º	Batata Doce	4.575.029
10º	Cenoura	2.741.175
11º	Repolho	2.022.922
12º	Melão	1.826.704
13º	Laranja Lima	1.764.724
14º	Pimentão	1.755.789
15º	Goiaba	789.592

9. Conclusão

O presente estudo apresenta um amplo cenário da comercialização de alimentos no Estado de Alagoas. Conforme já salientado no item 4 deste documento é de competência do IDERAL controlar, gerir e regular o abastecimento e a armazenagem de produtos de origem vegetal, além de fiscalizar as práticas comerciais realizadas nas centrais de abastecimentos. Este controle apresenta para o Estado – mais especificamente para a SEAGRI, estatísticas em tempo real sobre tudo o que é comercializado dentro do Estado e a origem dos alimentos.

Esses dados são muito importantes para auxiliar a Secretaria da Agricultura na formulação de políticas públicas que possibilitem um planejamento de longo prazo sobre o que precisa ser fomentado em termos de alimentos, quais as áreas e as quantidades que serão produzidas e qual o público que será acionado para a tarefa. Assim, é possível dimensionar e mobilizar o grande exército de mão de obra ociosa no estado para as atividades envolvidas, bem como para que se pense antecipadamente soluções para a liberação de um novo contingente de trabalhadores quando da efetivação da impossibilidade de se utilizar o fogo para limpar os canaviais antes do corte.

Os dados ora apresentados podem mobilizar diversos atores promotores do desenvolvimento alagoano. Além da SEAGRI, como já mencionado acima, a Emater (Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas) pode mobilizar seus técnicos para ofertar assistência técnica e planejamento da produção, de modo a não gerar excessões de produtos e deprimir seus preços no mercado. Avançando um pouco mais no sistema produtivo de alimentos, chegamos no elo de processamento e distribuição dos alimentos. Para o processamento dos alimentos é possível mobilizar toda a estrutura de cooperativas e associações do interior do estado, além dos organismos produtivos criados por políticas recentes, como os Arranjos Produtivos Locais. Para utilizar as cooperativas e associações é necessário, no entanto, aprofundar os programas de profissionalização da gestão destes organismos para não

haver descontinuidades de curto prazo nos programas criados. A Desenvolve, a OCB (Organização das Cooperativas Brasileiras) e o Sebrae/AL têm diversos programas de apoio a estes organismos e podem auxiliar o governo no processo.

Como forma de auxiliar no processo de mobilização, processamento e distribuição dos alimentos – aproveitando as oportunidades da demanda não atendidas – pode-se induzir a criação de entrepostos de beneficiamento de alimentos. Trata-se de unidades simples (normalmente conta com: tanque para lavar os alimentos; bancadas de alumínio para limpar, separar e embalar; liquidificadores industriais; freezers) e de baixo investimento, mas que fazem a diferença para adicionar valor aos produtos da terra. Estes organismos podem ser construídos em assentamentos, comunidades de produtores da agricultura familiar, em bancos de sementes e bancos de ferramentas, além de ONGs existentes por todo o Estado de Alagoas. A distribuição pode ser realizada com frotas de pequenos caminhões a serem financiamentos por instituições financeiras de desenvolvimento locais.

O financiamento do desenvolvimento para estes pequenos agricultores, centrais de beneficiamento, cooperativas e associações, e os demais organismos produtivos, pode ser obtido através da mobilização das instituições financeiras de desenvolvimento. Bancos oficiais de desenvolvimento – como o BNB (Banco do Nordeste) e o BB (Banco do Brasil) – apresentam programas já criados sob medida para esta produção de pequena monta. Muitas vezes os recursos sobram de um ano para outro pela simples falta de projetos consistentes que deem segurança aos emprestadores – como eles próprios alegam. Os negócios precisam apresentar planos de negócios consistentes, equipes de dirigentes executivos profissionalizada, além de garantias reais. É sabido, porém, que há linhas de crédito mais simples, com menos exigências, melhores prazos e taxas bastante atrativas. O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) pode ser um grande aliado para o financiamento de projetos individuais ou coletivos, que gerem renda aos agricultores familiares e assentados da reforma agrária. O Banco do Brasil também é um grande operador do Pronaf e de outras linhas para a agricultura (como a linha ABC – Agricultura de Baixo Carbono, que é um programa repassado aos bancos de desenvolvimento pelo Banco Nacional de

Desenvolvimento Econômico e Social) e pode atuar como um segundo ator forte no processo de financiamento do desenvolvimento.

A Agência de Fomento de Alagoas S.A. (Desenvolve) é outro ator muito importante no processo de financiamento do desenvolvimento. Além do microcrédito, a agência conta com programas de gestão e de financiamento elaborados sob medida para cooperativas e associações. Aliás, os financiamentos já concedidos com recursos do Fecoep (Fundo Estadual de Combate e Erradicação da Pobreza) e o programa de gestão em curso para auxiliar no processo de profissionalização da gestão destes organismos podem servir de garantia colateral e reduzir o risco de crédito para investimentos complementares junto aos demais bancos.

As aquisições de equipamentos, pequenos caminhões, construção de centrais de beneficiamento e programas de certificação da gestão e da produção podem ser financiadas com esta equação financeira no formato de microcrédito, Pronaf, Programa ABC e outros. O arranjo institucional e de parceiros já existe, mas carece de coordenação e governança. Neste quesito, o próprio governo e o Sebrae – além de ONGs, OCB e outros – podem se encarregar de orquestrar e criar o ambiente ideal para que os projetos aconteçam.

As oportunidades identificadas são várias. Por exemplo, do total do inhame comercializado no estado, apenas 20% é gerado internamente. Em termos de área, utilizamos atualmente 980ha para produção, quando a área total necessária para a nossa autossuficiência é de 4.900ha, apenas para a produção atual. Outras informações relevantes:

- De toda a batata doce comercializada no estado, 38% são decorrentes do município de Feira Grande, transformando aquele município na terra da batata doce;
- Quase toda a cenoura comercializada em Alagoas é produzida fora do estado, como também o pimentão. Como essas culturas dependem de um clima mais adequado do que o nosso, é possível produzi-las com o auxílio da agricultura protegida, em estufas.

- Do total de 8.285ton de tomates comercializados na Ceasa, apenas 14,1% são oriundos de Alagoas. Nesta, como em outras culturas, temos uma grande incidência de atravessadores, dificultando a canalização da produção para a Ceasa desta, que é a segunda hortaliça mais comercializada no estado.
- O caso da batata inglesa é ainda pior: produzimos apenas 1% do que comercializamos internamente. Temos aqui uma ótima oportunidade de fomento à produção desta hortaliça, uma vez que 70% do produto comercializado por aqui é proveniente do estado da Bahia, que tem clima semelhante ao alagoano.
- A cebola comercializada na Ceasa é proveniente 90% de outros estados. Como o clima semiárido é adequado para o plantio deste produto e ainda temos o Canal do Sertão para irrigar as plantações, o arranjo para a redução das importações já está pronto.
- O caso da laranja (pêra e lima) é interessante. Somos o terceiro maior produtor de laranja lima do nordeste, porém temos uma baixíssima comercialização no Ceasa. Isto indica que a nossa demanda pelo produto é pequena. No entanto, sabemos que as cooperativas e associações do Vale do Mundaú têm a patente de um suco que mistura a laranja lima e o limão e que pode ser escalado para atender a todo o estado. Mais uma vez, precisamos de um arranjo vencedor de gestão e governança para a promoção do ambiente ideal.
- E por fim apresentamos o caso do melão (que é 100% importado) e a banana que apresenta um baixo registro de comercialização na Ceasa, porque sua produção é canalizada diretamente para as feiras e supermercados do estado.

Enfim, diante do exposto, fica muito evidente a necessidade de mobilização dos atores institucionais do Estado para a promoção de um tipo de desenvolvimento diferente para Alagoas. Um planejamento que inclua vastos exércitos de mão de obra com a produção de alimentos e a redução da importação de produtos básicos.

O somatório de esforços de gestão, governança, projetos, informações e inteligência, crédito sob medida e uma boa dose de boa vontade e trabalho árduo e constante, pode promover um novo ciclo de desenvolvimento alagoano a partir da base da pirâmide.

A disponibilidade de dados permite colocar luz onde antes era apenas sombra. A atualização constante destas pesquisas tem o poder de mobilizar atores em um caminho agora conhecido. Esperamos que os atores locais de desenvolvimento continuem na produção das informações para que a execução das ações seja possível.

10. Referências Bibliográficas

- I. AGRICULTURA, Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária, Pesca e Aquicultura- www.agricultura.al.gov.br;
- II. EMBRAPA, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - www.embrapa.com.br;
- III. IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – www.cidades.ibge.com.br;
- IV. AGEITEC, Agência Embrapa de Informação Tecnológica - www.agencia.cnptia.embrapa.br;
- V. CULTIVAR, Grupo Cultivar de Publicações LTDA - www.grupocultivar.com.br;
- VI. WIKALAGOAS - www.wikialagoas.al.org.br;
- VII. IDERAL, Instituto de Desenvolvimento Rural e Abastecimento de Alagoas - <http://www.ideral.al.gov.br>;
- VIII. CAMPO, Almanaque do Campo - www.almanaquecampocom.br;
- IX. SBPC, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - www.sbpcnet.org.br;
- X. PORTAL DE NOTÍCIAS, Notícias Agrícolas - www.noticiasagricolas.com.br;
- XI. ALAGOAS, Alagoas em Dados e Informações – www.dados.al.gov.br;
- XII. IMB, Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos - www.imb.go.gov.br;
- XIII. PORTAL DE NOTÍCIAS, Web Arapiraca – www.web.arapiraca.al.gov.br;
- XIV. SEBRAE, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – www.sebrae.com.br;

11. Ficha Técnica – SEBRAE/AL

Presidente do Conselho Deliberativo

Kennedy Davidson Pinaud Calheiros

Diretor Superintendente

Marcos Antonio da Rocha Vieira

Diretor Técnico

Ronaldo de Moraes e Silva

Diretor de Administração e Finanças

José Roberval Cabral

Gerente da Unidade de Gestão Estratégica – UGE

Fabrícia Carneiro Fernandes

Equipe UGE

Fábio Leão (coordenação e revisão)

Geanne Daniella (coordenação)

Isadora Barros

EQUIPE PROMÁXIMA

Coordenador Geral do Projeto:

Raffael de Gusmão Ataide Escarpini (CRA-AL N° 1-2877)

MBA em Gestão Empresarial (FGV/RJ)

Coordenador Técnico:

Lucemberg de Araújo Pedrosa (CONFE N° 9596)

Mestre em Estatística (UFRPE-PE)

Analista do Projeto:

Ewertton Simplício Neves

Graduação em Ciências Econômicas (UFAL)

Especialização Gestão Financeira, Controladoria e Auditoria (CESMAC)